

0  
Macaco Peludo

di. Eugene O'Neill

34 B

Sire,

Excelências,

Minhas senhoras,

Meus senhores,

*A obra dramática de Eugene O'Neill revestiu-se, desde o seu início, de um caráter trágico e, para êle, a vida, em seu conjunto, tornou-se desde cedo uma tragédia.*

*Esta tendência foi atribuída às experiências amargas de sua juventude e, mais particularmente, à rude vida de marinheiro que êle levou. A lenda que se cria em tôrno dos homens célebres assume, em seu caso, a forma de uma aventura heróica. Mas seu desprêzo pela publicidade cortou cerce tôdas as tentativas dêste gênero: nada de notável devia ser extraído de suas dificuldades e suas penas. Seus gostos não deixavam de conduzi-lo a duras experiências que, à sua maneira, liberavam nêle forças confusas.*

*Seu pessimismo era provavelmente, por um lado, um traço inato do seu caráter e, por outro, estava em harmonia com a corrente literária da época, embora talvez se deva antes interpretá-lo como a reação de uma forte personalidade contra o tradicional otimismo americano. Qualquer que possa ter sido a origem dêsse pessimismo, entretanto, as linhas de sua evolução estavam nitidamente fixadas, tornando-se progressivamente O'Neill o dramaturgo mais ferozmente trágico que o mundo conheceu. A concepção da vida que êle expõe não é resultante de um pensamento elaborado, mas possui a marca autêntica de uma experiência vivida. Repousa sobre a tomada*

de consciência — poder-se-ia dizer dilacerante — da dureza da vida, e, além disso, sobre uma espécie de exaltação pela beleza, característica dos destinos humanos que tomam forma na luta contra forças superiores.

Um sentido primitivo da tragédia, parece-nos, carente de fundo moral e sem levar a nenhuma vitória interior: nada senão as pedras para edificar o grande templo da tragédia antiga. Por seu caráter bem primitivo, entretanto, este trágico moderno tem afinidades com a fonte autêntica desta forma de arte criadora, isto é, a crença ingênua e simples no Destino. Em determinados momentos esta contribuição transfundiu sangue novo à sua obra.

Entretanto isto se produziu mais tarde. Em seus primeiros dramas, mostrou-se O'Neill um realista estrito e um tanto árido; podemos aqui passar suas obras em silêncio. Uma série de peças em um ato, baseadas em materiais reunidos no decorrer dos anos que viveu no mar, reveste-se de outra importância. Trouxeram elas ao teatro qualquer coisa de novo, e por elas foi que ele despertou atenção.

Estas peças, porém, do ponto de vista dramático, não eram notáveis; a bem dizer, tratava-se tão-somente de histórias breves sob a forma de diálogos; autênticas obras de arte, em seu gênero, emocionantes por sua construção simples e rude. Numa dentre elas, O Luar das Caraíbas, ele atingiu culminâncias poéticas, em parte pela terna piedade com que descreveu a vida miserável dos marítimos, repleta de ilusões ingênuas, em parte graças ao ambiente criado pelo cenário: uma praia de corais brancos com canções de negros parecendo cantos fúnebres, sob coroas de palmeiras com reflexos metálicos, iluminadas pela desmesurada lua do mar das Caraíbas. No conjunto, existe ali uma vaga mística de melancolia, de selvageria primitiva, de nostalgia e solidão opressiva.

O drama Anna Christie obtém seu efeito mais contundente pela descrição da vida dos marujos em terra, ao redor das tavernas do porto. O primeiro ato é a obra-prima de O'Neill no domínio do realismo estrito, sendo cada caráter representado com segurança e mestria extremas. O assunto é o retorno da jovem sueca decaída a uma condição humana

mais respeitável, isto graças às influências elevadas e sadias que o mar pode exercer; por uma vez o pessimismo é posto de lado, tendo a peça o que se chama um final feliz.

Com o drama O Macaco Peludo, ainda sobre a vida dos marítimos, lança-se O'Neill nesse expressionismo que revelou sua marca em seus "dramas de idéias". É difícil determinar com exatidão o que tem em mira este expressionismo na literatura e nas artes plásticas; tampouco é necessário discuti-lo, pois que, na prática, basta esboçar ligeiramente suas características. Ele se esforça em produzir seu efeito por meio de um método quase matemático (poder-se-ia dizer: extrair a raiz quadrada dos fenômenos complexos da vida real) e em construir com estas abstrações um novo mundo em escala consideravelmente ampliada. O processo é enfiado e não pode ser considerado como dependente de uma exatidão matemática; durante muito tempo, entretanto, obteve bastante sucesso no mundo inteiro.

O Macaco Peludo tenta apresentar em escala gigantesca o escravo rebelde ao poderio do vapor, inebriado por sua própria força e por suas idéias de super-homem. Exteriormente aparece como um retorno ao homem primitivo; e o homem apresenta-se ele próprio como uma espécie de bruto, presa de um desejo ardente de gênio. A peça descreve o seu trágico fracasso e sua ruína por se ter sublevado contra uma sociedade cruel.

Daí por diante O'Neill dedica alguns anos a tratar, com um expressionismo audacioso, de idéias e questões sociais. As peças que se seguiram têm pouca relação com a vida real; o poeta e o sonhador se isolam, perdidos numa especulação febrilmente prosseguida no imaginário.

O Imperador Jones apresenta-se como uma criação artística um tanto à parte, e graças a esta peça é que o dramaturgo se assenhoreou primeiro da celebridade. Seu tema desenvolve o desmoronamento psicológico de um despota negro. O despota perece ao escapar à sua glória, acossado na noite pelo bater dos tambores de seus perseguidores e pelas lembranças do passado, que o assaltam sob a forma de visões angustiantes. Essas lembranças reconduzem-no ao tempo em que sua própria vida se desenrolava na África negra. Encontra-se aqui



uma teoria da vida inconsciente do indivíduo, considerada como a soma de etapas sucessivas assinalando a evolução da raça. Quanto à exatidão da teoria, não temos necessidade de externar nossa opinião; a peça exerce um tal domínio sobre nossos nervos e nossos sentidos, que nossa atenção é completamente subjugada.

Os "dramas de idéias" propriamente ditos são demasiado numerosos e demasiado diversificados para poderem ser recensados mesmo sumariamente. Seus temas são extraídos da vida contemporânea ou de sagas e de lendas; todos são transportados pela imaginação do autor. Eles fazem soar cordas emotivas fortemente distendidas, produzindo efeitos surpreendentes e testemunhando um movimento dramático que não erra jamais seu alvo. Mais simplesmente, tudo o que tange à vida humana, em se tratando de luta ou de combate, foi aqui registrado para compor uma obra criadora, sendo as soluções procuradas e extraídas dos enigmas espirituais ou mentais propostos.

Um dos temas favoritos é o desdobramento da personalidade, que se produz quando o verdadeiro caráter do indivíduo é recalçado pela pressão do mundo exterior, para ceder lugar a um caráter segundo, os traços de sua própria vida sendo dissimulados sob uma máscara. As meditações do dramaturgo são suscetíveis de descer a uma profundidade tal, que tudo o que ele traz de volta à superfície faz-se em pedaços, como a fauna abissal, desde que chega à luz do dia. Os resultados que ele obtém, no entanto, não são destituídos de poesia, sua língua é rica em palavras apaixonadas, pesadas de sentido. A ação também testemunha a incansável energia que é um dos dons maiores de O'Neill.

Entretanto, por trás do gosto apaixonado de O'Neill pela experiência, adivinha-se uma nostalgia da grandeza espoliada, característica do drama antigo. Em Desejo Sob os Olmos, ele faz uma tentativa nesse sentido, sendo tirado o seu tema do mundo rural da Nova Inglaterra, cristalizado através de gerações num puritanismo que, pouco a pouco, veio a perder sua inspiração idealista. O drama é um tanto esquemático, mas o

caminho a que ele se havia lançado devia conduzir a uma realização mais feliz na trilogia Electra.

Entrementes, apareceu Uma Peça, Estranho Interlúdio, peça que foi altamente apreciada e se tornou célebre. É por justa razão que se intitula "Uma peça", pois devido ao seu método de apresentação extensiva, de larga tessitura, não pode em caso algum ser considerada uma tragédia; melhor conviria defini-la como um romance psicológico decomposto em cenas. Quanto ao subtítulo "estranho interlúdio", uma precisão direta é fornecida no decorrer da peça. "A vida, o presente, é um estranho interlúdio entre o passado e o que deve vir." O autor tenta esclarecer seu pensamento, tanto quanto é possível fazê-lo, recorrendo a um processo particular: de um lado, os personagens o exprimem e dão a réplica como a ação da peça o exige, de outro, revelam sua verdadeira natureza e suas reflexões sob a forma de monólogos, em apartes. Ainda uma vez, ele retoma a idéia do disfarce.

Considerada como um romance psicológico — até o momento em que se torna demasiado inverossímil para ser psicológica — a obra é absolutamente notável devido à sua riqueza de análise e, acima de tudo, por sua penetração intuitiva e sua profunda visão da alma. A preparação produziu seus frutos na verdadeira tragédia que se seguiu, a maior obra do autor: O Luto Assenta Bem a Electra. Pela história que expõe como pela atmosfera de destino implacável que a envolve, esta peça mantém-se próxima à tradição do drama antigo, se bem que a certos respeito seja adaptada à vida e ao pensamento modernos. Esta tragédia de Átridas dos nossos tempos situa-se à época da grande guerra civil, a Iliada americana. Tal escolha confere ao drama a clara perspectiva do passado e fornece-lhe ainda um fundo de vida intelectual e de pensamento suficientemente próximos de nossa época. O traço mais notável, neste drama, é a maneira pela qual foi tratada a Fatalidade. Ela repousa sobre hipóteses de um caráter em total conformidade com o gosto moderno, primeiro sobre o determinismo naturalista da doutrina da hereditariedade, mas igualmente sobre a onisciência freudiana do inconsciente, o pesadelo das emoções familiares pervertidas.

Como se sabe, essas hipóteses não são irrefutáveis, mas o ponto mais importante, no que concerne ao drama, é que seu autor as adotou e aplicou com indefectível constância, construindo sobre suas bases uma série de casos tão inelutáveis como se tivessem sido proclamados pela própria Esfinge de Tebas. Assim fazendo, O'Neill deu prova de poder magistral na habilidade construtiva e na perfeita justificação da intriga, uma daquelas que não têm equivalente em toda a série dos dramas contemporâneos. Isto acontece, em todo caso, no que diz respeito às duas primeiras partes da trilogia.

Dois dramas de gênero completamente diverso e totalmente novo para O'Neill foram escritos em seguida. Eles mostram claramente a sua maneira de nunca se dar por satisfeito com um resultado obtido, qualquer que seja o grau de sucesso alcançado. Valorizam também a sua coragem, pois nessas peças ele lançava um desafio a um número considerável de pessoas das quais obtivera pronunciamentos favoráveis. Embora não seja possível, em nossos dias, correr qualquer perigo sério por negar sentimentos ou conceitos que dizem respeito à natureza humana, não se está menos exposto a ferir ao vivo a consciência sensível dos críticos. Em *Ah, Solidão!* o ilustre dramaturgo assombrou seus admiradores oferecendo-lhes uma comédia idílica da burguesia e, o que não melhorava a situação, arrastando consigo seu auditório. Em sua pintura da vida espiritual dos jovens, esta peça está cheia de poesia, enquanto as cenas mais alegres oferecem um humor chistoso sem afetação; ela é, de mais a mais, em seu conjunto, humanamente simples.

Em *Dias sem Fim* lança-se o dramaturgo ao problema religioso, que até então apenas aflorara, sem aderir ele mesmo a qualquer doutrina, e isto do ponto de vista puramente hostil do sábio naturalista. Mostra esta peça que ele não perdia de vista o lado irracional, que havia sentido a necessidade de valores absolutos, e que era sensível ao perigo do empobrecimento espiritual devido ao vazio criado pelo conceito rude e maciço do racionalismo. A forma dada à obra era a de um milagre moderno, e talvez, como nessas tragédias do *Destino*, a tentação de experimentar foi de grande importância em sua gênese. Respeitando rigorosamente as convenções da forma

dramática escolhida, ele adotou a ingenuidade medieval na maneira de apresentar a luta entre o bem e o mal, mas introduzindo entretanto processos novos e ousados na técnica da cena. Dividiu o principal personagem da peça em dois — branco e preto — não só interiormente, mas corporalmente também, cada metade levando sua existência física independente; uma espécie de irmãos siameses contradizendo-se um ao outro. É, como se vê, uma variante com relação às experiências precedentes. Pese o risco que acompanha uma tal empresa, o drama é sustentado pela rara mestria do autor, enquanto O'Neill criava, pelo desdobramento de um padre católico, um de seus personagens mais próximos à vida. O futuro nos dirá se esta circunstância deve ser considerada como indicação de uma mudança decisiva em sua interpretação da vida.

A produção de O'Neill foi de uma extensão extraordinária, diversa em sua forma, extremamente fértil em novos gêneros e seu desenvolvimento prossegue. Quanto aos assuntos tratados, ele sempre permaneceu igual a si mesmo, com o jôgo exuberante, e de uma vitalidade sem constrangimento, de sua imaginação, com este dom de dar forma às idéias, sejam provenientes do mais íntimo de sua natureza contemplativa ou bem do mundo exterior, e antes de tudo, talvez, com esta dignidade de um caráter ferozmente independente.

Designado Eugene O'Neill como laureado do Prêmio Nobel de literatura de 1936, a Academia Sueca entendeu assinalar o quanto aprecia seus dotes literários excepcionais; ela decidiu prestar homenagem à sua personalidade nestes termos: o Prêmio lhe foi concedido por obras dramáticas de uma forte vitalidade, de uma sinceridade e de uma intensidade de sentimento notáveis e que dão testemunho de uma concepção original da tragédia.



## QUADRO PRIMEIRO

O cenário representa a sala dos foguistas no castelo da proa de um transatlântico, uma hora após sua partida de Nova York para a travessia. Nos lados do palco e ao fundo, sobrepõem-se fileiras de estreitos beliches de aço, agrupados a três. Uma entrada ao fundo. Bancos sobre o piso, diante dos beliches. O recinto está cheio de homens que vociferam, praguejam, riem, cantam; é uma algazarra confusa, elementar, que, à medida que se expande, adquire uma espécie de unidade, de significação: dir-se-ia o desafio espavorido, furioso e frustrado de uma fera enjaulada. Quase todos os homens estão embriagados. Muitas garrafas circulam de mão em mão. Todos usam calças de zuarie e sapatos pesados, feios. Alguns vestem colêtes sem mangas, mas a maioria tem o dorso nu.

O tratamento deste primeiro quadro, como o de qualquer outro nesta peça, de modo algum deve ser naturalista. A impressão que se procura produzir é a de um espaço fechado no ventre de um navio, entre paredes de aço reluzente. As fileiras de beliches e as traves verticais que as sustentam cruzam-se como armação de aço duma gaiola. O teto parece pesar sobre as cabeças dos homens. Eles não conseguem ficar de pé. Isto acentua a natural atitude encurvada que adquiriram pade-

jando o carvão e hipetrofiando, em conseqüência, os músculos do dorso e das espáduas. Quanto aos próprios homens, haverá vantagem em que se assemelhem àquelas gravuras representando o aspecto provável do Homem de Neanderthal. Todos têm o peito cabeludo, longos braços de força extraordinária e frentes baixas e fugidas, sobre os olhos pequenos, ferozes vindicativos. No conjunto destes homens, tôdas as raças brancas civilizadas estão representadas; mas salvo pequenas diferenças na cor dos cabelos, da pele e dos olhos, todos êles são iguais. Ao subir o pano, ouve-se um vozerio espantoso. Yank está sentado em primeiro plano. Êle parece mais largo de ombros, mais feroz, mais truculento, mais possante, mais seguro de si mesmo que os outros. Êstes experimentam por sua força superior o respeito invejoso que inspira o medo. Além disso, êle é a seus olhos uma expressão viva dêles próprios: o que existe de melhor em seu gênero, o tipo mais bem acabado entre os foguistas.

AS VOZES DOS HOMENS — Tu, me tâ um trink!  
Molha êsses gargomilos, Fritz!  
Auguri!<sup>1</sup>  
Gesundheit!<sup>2</sup>  
Skoal!<sup>3</sup>  
Tu está bêbado que nem gambá!  
À tua!  
Boa sorte!  
Enche o tanque!  
Hei, Francês! Onde diabo tu estêve?  
No "Touraine".  
Tei-lhe um sôco na carra!  
Jenkins, o Primeiro, é um porco imundo...  
...E os guardas pegaram êle... e eu me larguei...  
Gostar mais de cerfecha. Non arranhar carcanta.  
Era uma suja. Me roubou quando eu dormia...

<sup>1</sup> Boa sorte (em italiano no original).

<sup>2</sup> Saúde (em alemão no original).

<sup>3</sup> A sua saúde (em sueco no original).

Que vão todos pro diabo!  
Mentiroso sem-vergonha!  
Repete se é homem!  
*Tumulto. Dois homens vão-se engalfinhar: separam-no*  
Nada de sopapo aqui!  
Tu vai ver esta noite...  
Tu que vai ver quem é o mais forte!  
Holandês miserável!  
Esta noite, na proa.  
Eu aposto na Holanda.  
Êli pega duro qu'io seil!  
Fecha a matraca, Macarroni.  
Deixem de brriga, focês. Somos todos amigos, he?  
*Um dos homens começa a cantar com tôda a força:*  
"Bebo cerveja a vida inteira:  
Não posso encher minha caveira!"

YANK (pela primeira vez, parece aperceber-se da algazarra ambiente e volta-se com ar ameaçador. Num tom de autoridade e desdém:) — Chega de bagunça aqui! Onde tu aprendeu essa canção sobre a cerveja? Pro diabo a cerveja! Cerveja só serve pra fêmeas... e holandeses. Pra mim, bebida tem que ter um coice! Heil! vocês aí, me dêem de beber, qualquer um!... (Várias garrafas são-lhe solicitamente oferecidas. Êle toma um trago formidável; depois, guardando na mão a garrafa, fixa com ar de desafio seu proprietário, que se apressa em concordar com êste furto dizendo:) Está certo, Yank. Fique com ela e tome outro trago. (Yank, com ar de desprêzo, volta novamente as costas aos circunstantes, que um silêncio constrangido domina durante um segundo. Depois a barulheira recomeça.)

AS VOZES DOS HOMENS — Devemos estar passando a Ponta.

Ê, a velha catraia começa a balançar.

Temos pela frente seis dias de inferno... depois Southampton.



Pem costarria alguém vacer primerro quarto em meu lugar!

Tu enjoou, Cabeça Quadrada?

Beve que tu isquece!

Que tem na tua garrafa?

G'nebra.

É bon parra negrros.

Absinto? Droga. Tu vai ficar dopado, Francês!

Cochon'!

Uísque sim, é comigo!

Cadê o Paddy?

Tirando uma pestana.

Hei, Paddy! Canta pra gente aquela canção do uísque.

*Todos se voltam para um velho irlandês todo encarquilhado, muito bêbado, que cochila num dos bancos em primeiro plano. Sua fisionomia tem qualquer coisa de extremamente simiêsco: seus pequenos olhos revelam a triste e paciente angústia do macaco.)*

Canta pra noi, Caruso di Irlanda!

Ele está ficando velho. Não agüenta mais a bebida.

Está muito chumbado.

PADDY (*olhando para todos os lados com os olhinhos piscos, levanta-se a contragosto, titubeia; depois, agarra-se à borda um beliche.*) — Nunca estou bêbado demais pra cantar. E pra que eu não tenha vontade de cantar precisa que o mundo não exista mais pra mim. (*Num tom de atristado desdém:*) Então, querem que eu cante o "Whisky Johnny"? Essa canção dos velhos lóbos-do-mar? Idéia esquisita pra gente feia como vocês. Que Deus os ajude! Mas não faz diferença.

1. Porco (em francês no original).

(*Põe-se a cantar com uma vozinha fanhosa e lúgubre:*)

Oh! o uísque é a vida dum homem!

Uísque! Oh, Johnny! (*Todos repetem este verso.*)

Oh! o uísque é a vida dum homem!

Uísque pro meu Johnny! (*Bis, em côro.*)

Oh! o uísque deixou meu pai maluco!

Uísque! Oh, Johnny!

Oh! o uísque deixou meu pai maluco!

Uísque pro meu Johnny!

YANK (*tornando a voltar-se desdenhosamente:*) — Pro diabo com essa velha cantilena de navio a vela! Não vêm logo que tudo isso já morreu? E tu também (*dirigindo-se a Paddy*), "sua" velha harpa irlandesa, só que tu ainda não sabe disso. Fica sossegado aí. Deixa a gente em paz. Chega de barulho. (*Com um riso cínico:*) Tu não vê que eu estou querendo pensar?

TODOS (*repetindo a palavra depois dêle como um só homem, no mesmo tom de zombaria cínica e divertida:*) — Pensar!

(*A palavra repetida em côro adquire uma qualidade metálica: dir-se-ia que suas gargantas são cornetas acústicas de fonógrafo. À palavra "pensar" segue-se um alarido geral de risos acres, que soam como latidos.*)

AS VOZES DOS HOMENS — Não quebre a cachola pensando, Yank.

Tu fai é arranchar tor te capeça!

"Pensar"... Descobri uma coisa: rima com "se encharcar"!

Ah, ah, ah!

É se encharcar pra não pensar!

É se encharcar pra não pensar!

É se encharcar pra não pensar!

(*Todos repetem em câo este estribilho, batendo com os pés no chão e com os punhos nos bancos.*)

YANK (*tomando um gole em sua garrafa — de bom humor:*) — Está bem. Parem com isso. Compreendi na primeira vez.

(*A barulheira cessa gradualmente. Uma voz sentimental de tenor bêbado faz-se ouvir:*)

Acolá, no Canadá,  
Do outro lado do mar,  
Minha pequena me espera  
Preparando nosso lar...

YANK (*ferozmente desdenhoso:*) — Cala a bôca, “seu” cretino piolhento! Quem te ensinou tôda essa bobajada? Nosso lar! Pro diabo o lar! Eu te dou o lar! Tapo a tua goela! Um lar! Pro diabo com o ter lar! Quem te ensinou tôda essa bobajada? É aqui nosso lar, tu entende? Pra que tu precisa um lar? (*Altivamente:*) Eu me livreii do meu quando era ainda um fedelho. E fiquei foi feliz com isso. Comigo é assim. Só me servia pra apanhar pancada, não pra outra coisa. Mas vocês podem apostar a camisa que depois nunca mais apanhei de ninguém! Quem que quer uma prova do que estou dizendo? Hum! parece que ninguém. (*Num tom mais calmo, mas ainda desdenhoso:*) Mulheres esperando por vocês, hem? Que vão pro diabo! Tudo isso é besteira. Elas não esperam por ninguém. Elas plantavam vocês por dez centavos. São tôdas umas galinhas, entendem? Com elas é preciso dar duro, penso eu. Que vão pro diabo! Umas sem-vergonhas é o que tôdas elas são.

LONG (*muito bêbedo, salta febrilmente sôbre um banco e gesticula, uma garrafa na mão:*) — Escutem, camaradas! O Yank está com a razão. Ele diz que este miserável navio é o nosso lar. E ele diz que o nosso lar é o inferno. Ele está certo! Aqui é o inferno! Nós vivemos no inferno, camaradas, e não tem dúvida que vamos morrer nêle. (*Furioso:*) E de quem é

a culpa, pergunto eu? Não é nossa. Não nascemos nesta miséria. Todos os homens nascem livres e iguais. Está na tal de Bíblia, meus chapas. Mas o que é a Bíblia pra eles, êsses porcos de boas-vidas que viajam nas cabinas de primeira? A culpa é dêles. Foram eles que nos arrastaram pra cá. E nós caímos tão baixo que já não somos mais que mercenários, escravos no porão dêste navio, escravos que suam, que são queimados vivos, que bufam na poeira do carvão! A culpa é dêles, da imunda classe dos capitalistas!

*Desde alguns instantes, um murmúrio de hostilidade desdenhosa se havia pouco a pouco elevado entre os homens. Agora o orador é interrompido por uma tempestade de ganidos, de assobios, de “hu” e de risos acres.*

AS VOZES DOS HOMENS — Arrolhem êsse cara!  
Fecha!  
Desce daí!  
Cala a bôca, burro! (*Etc.*)

YANK (*levantando-se e encarando Long:*) — Senta, se não queres que eu te ponha abaixo! (*Long se apressa em tornar-se o menor possível. Yank prossegue desdenhosamente:*) A Bíblia, hem? A classe capitalista, hem? Tudo isso é conversa de socialista, do Exército de Salvação. Trepa num caixote! Aluga uma sala! “Venha salvar sua alma”, não é! E avante com Jesus Cristo, hem? Chega! Já ouvi muitos assim, fica sabendo. São todos uns errados. Quer que te diga o que eu penso? Vocês não prestam pra nada. Vocês são um fracasso. Vocês não têm tutano. Uns poltrões, é o que vocês são. Sim, uns poltrões. Me diz: os bobocas da primeira classe — que tem eles a ver com nós? Valemos mais que eles, não valemos? Que dúvida! Um de nós podia jogar todos eles no chão com um sôco só. Se um dêles viesse aqui pra tirar um quarto de serviço nas fornalhas, que acontecia? Era levado numa padiola. Essa gente não é gente. Não passa de bagagem. Quem é que faz andar esta banheira velha? Não somos nós? Então somos alguém aqui, não é mesmo? E eles



não! Esta que é a verdade! (*Um clamoroso cântico de aprovação. Yank prossegue:*) Quanto que aqui é o inferno... ora, conversa! Tu perdeu a fibra, é o que é. Isto aqui é trabalho pra homem, viste? Trabalho de macho! Fazer andar este navio. Não é pra molenga. Mas tu é molenga. Molenga e poltrão.

AS VOZES DOS HOMENS (*muito orgulhosos de si mesmos:*)

— Muito bem!

Trabalho de macho!

Falar não custa, Long.

Ele nunca deu no couro.

Ele que vá pro diabo!

O Yank está certo. Nós que fazemos o navio andar.

Tudo fertade o que o Yank tiz!

Ninguém precisa chorar por nós.

Nim fazer discurso.

Fora com ele!

Poltrão!

Joga ele n'água!

Vou é quebrar a cara dêle!

(*Amontoam-se ao redor de Long, ameaçadores.*)

YANK (*novamente quase de bom humor, com desdém:*) — Ora, parem com isso. Deixem ele pra lá. Não vale uma taponá. Melhor beber um trago. À saúde, dono desta garrafa. (*Toma um largo gole na garrafa. Todos bebem com ele. Num instante, todos estão novamente alegres e amistosos, uns batendo nas costas dos outros, falando alto, etc.*)

PADDY (*que estava sentado a um canto, piscando os olhos, melancólico e aparvalhado, grita súbitamente com uma voz cheia de velhas mágoas:*) — Aqui estamos na nossa casa, diz você? Então, o Todo Poderoso que tenha pena de nós! (*Sua voz torna-se gemebunda como uma melopéia fúnebre; ele balança-se pra frente e pra trás no seu banco. Os homens olham-no fixamente, espantados e impressionados malgrado seu.*) Ah, se eu

pudesse voltar aos bons tempos da minha mocidade, irral! Ah, os navios eram uma boa coisa, então: *clippers* de mastros altos que tocavam o céu, e homens fortes nêles... homens que eram filhos do mar, como se o mar fôsse a mãe dêles. Ah, êles tinham a pele limpa, os olhos claros, as costas direitas e o peito largo! Homens valentes que êles eram, e audazes... A gente zarpa-va, podia ser que pra ir descendo, descendo até dobrar o Cabo da Boa Esperança. Içávamos as velas de madrugada, com uma brisa à feição, cantando sem pensar um velho canto de marinhheiro. Para o lado da pôpa a terra ia mergulhando, desaparecendo, mas nós apenas ríamos, sem lançar nunca um olhar para trás. Porque o dia que era, era o bastante, porque éramos homens livres... e eu penso que só os escravos se preocupam com o dia que passa ou o que ainda não chegou, até que êles ficam velhos como eu. (*Com uma espécie de exaltação religiosa.*) Oh, velejar de nôvo pro sul com o vento alisiô soprando firme pela pôpa, noite e dia! As velas bem inchadas. Noite e dia! As noites, quando a espuma da esteira se acendia como fogo, quando o céu brilhava e piscava de estrêlas. Ou ao clarão da lua cheia. Então era de ver o navio cortando a noite transparente, as velas estendidas e brancas como prata, nenhum rumor na coberta, todos os homens sonhando... Até se podia pensar que não era um navio verdadeiro, mas uma assombração, como aquêle Navio Fantasma que para sempre, dizem, está cruzando os mares sem tocar nunca em terra. E tinha os dias também. Um sol quente batendo nas cobertas bem limpas. Um sol que esquentava o sangue da gente, e um vento que passava por milhas e milhas de mar verde e enchia nosso peito como uma bebida forte. E o trabalho... ah, um trabalho pesado, mas quem é que se incomodava com isso? Naquele tempo se trabalhava debaixo do céu e era preciso habilidade e audácia. Terminado o dia, durante o último quarto, fumando sossegado o meu cachimbo, podia ser que o gajeiro avistasse terra e a gente enxergava, lá longe, as montanhas da América do Sul com o sol no poente avermelhando os cumes brancos e as nuvens que flutuavam em volta! (*Seu tom de exaltação cessa. Ele prossegue melancólico:*) Arre, que adianta falar?

É o sussurro de um moribundo. (*A Yank, ressentido:*) Era naquele tempo que os homens estavam em seu lugar nos navios, não agora. Era naquele tempo que um navio fazia parte do mar, e o homem fazia parte do navio, e o mar juntava todos fazendo um só. (*Desdenhosamente:*) Você queria ser um só, Yank, com este navio aqui? Fumaça preta saindo das chaminés e sujando o mar, sujando as cobertas; as malditas máquinas batendo, arquejando, tremendo; nunca um raio de sol ou um bocado de ar puro; os pulmões entupidos de pó de carvão; as costas e o peito arrebatados no inferno das caldeiras; e sempre a alimentar as malditas fornalhas... com a nossa vida também, não só com o carvão, digo eu. E tudo isto impedidos de ver o sol, dentro de uma gaiola de aço, como miseráveis macacos no Jardim Zoológico! (*Com um riso áspero:*) Oh-oh, o diabo que te carregue! É numa coisa assim que te sentes em casa? Nada mais que umas peças das máquinas, uma peça de carne e osso, é o que queres ser?

YANK (*que escutou com um risinho de desdém, responde como se latisse:*) — Claro que sim! É o que quero. E daí?

PADDY (*como se falasse para si mesmo, com grande tristeza:*) — O meu tempo passou. Que uma onda bem grande, cheia de sol, possa me varrer por cima da borda num dia em que eu estiver sonhando com o tempo que passou.

YANK — Sai, velho maluco! (*Levanta-se de salto e investe para Paddy com ar ameaçador; depois detém-se, como se um estranho combate se travasse em seu íntimo; deixa cair os braços ao longo do corpo. Em tom desdenhoso:*) Ah, deixa de lamúrias. Mas está certo que tu fale assim. É que tu é tonto como um besouro velho. Tôda essa bobajada que tu falou... Oh, está certo. Mas já está morto, tu entende? O teu tempo passou. Tu já não engrena. Está velho demais. (*Com repugnância:*) Mas por que tu não põe a cabeça pra fora de vez em quando, não pode? Pra ver o que aconteceu depois que tu começou a afundar. (*Subitamente empolga-se com veemência, cada vez mais excitado.*) Escuta aqui! Sim! É o que eu queria dizer!

Que diabo... Olha, me deixa falar! Escuta, velha harpa irlandesa! Hei, todos vocês! Escutem, esperem um pouco... tenho uma coisa a dizer, vejam. Eu faço parte daqui e ele não. Ele está morto, mas eu estou vivo. Me escutem! Sim, sou uma peça das máquinas! E por que diabo que não? Elas estão vivas, não é? Elas produzem velocidade, hem? Elas tocam pra frente, não tocam? Vinte e cinco nós por hora! É alguma coisa! Uma coisa nova! Uma coisa que é preciso! Mas ele está velho demais. Ele fica tonto. Escutem. Tôda aquela falação idiota sobre noites e dias; tôda aquela falação idiota sobre o sol e o vento, o ar livre e o resto... Pro inferno, é tudo um sonho de ópio! Ele fuma o ópio do passado, é o que ele faz. Ele está velho e já não tem vez. Mas eu sou nôvo. Eu estou em forma! Eu vou pra frente junto com tudo isto. Vocês compreendem? Tudo isto! Quero dizer: a coisa que é o nervo deste navio. Ele passa através de tôdas as bobagens que ele disse. Atira com elas de pernas pro ar! Acaba com elas! Varre com elas da face da terra! Tudo isto, vocês sabem o que eu quero dizer... As máquinas e o carvão e a fumaça e todo o resto! Ele não pode respirar e engolir a poeira do carvão, mas eu posso, compreendem? É ar puro pra mim! É comida pra mim! Sou nôvo, eu! O inferno das caldeiras? Está certo! É preciso ser homem pra trabalhar no inferno. O inferno, sim, é o clima que eu prefiro. Eu me empapuçoo nê! Nê! eu engordo! Eu é que faço ele quente! Eu é que faço ele roncar! Eu é que dou vida a ele! Eu, que sem mim, pára tudo. Morre tudo, compreendem? O barulho, a fumaça e tôdas as máquinas que movem o mundo, tudo pára. Mais nada fica vivo! É o que eu estou dizendo. Tudo o que faz o mundo se mover também é movido por uma outra coisa. Não pode se mover sem uma outra coisa, entendem? É então que vocês chegam até eu. No fundo de tudo estou eu! Depois, não tem mais nada. Eu sou o fim! Eu sou o ponto de partida! Eu dou a partida e o mundo se move! Isto sou eu: o nôvo que mata o velho! Sou a coisa no carvão que faz ele queimar; sou o vapor e o óleo das máquinas; sou a coisa no barulho que faz ele ser ouvido; sou a fumaça e os trens expressos e os navios e o apito das fábricas; sou a coisa no ouro que faz ele ser dinheiro! E sou o que transforma o ferro no



aço! O aço, que representa tudo isto! E eu sou o aço, o aço, o aço! Sou os músculos do aço e a força que êle tem dentro! (Ao dizer estas palavras, êle bate com os punhos contra os beliches de aço. Todos os homens, que a fala de Yank levou ao paroxismo do orgulho de si mesmos, fazem como êle. Há uma vibração metálica ensurdecadora, através da qual se pode ouvir a voz estentórica de Yank:.) Escravos, nunca! Nós é que fazemos o mundo andar. Todos êsses ricaços que pensam que são alguma coisa, não são nada! Êles não fazem parte. Mas nós aqui estamos no movimento, estamos no fundo de tudo, somos tudo! (Paddy, que desde o início da fala de Yank estêve tomando gole após gole em sua garrafa, a princípio com pavor, como se temeroso de ouvir, depois desesperadamente, como para afogar os sentidos, atingiu enfim a embriaguez completa, indiferente e mesmo divertida. Yank nota que êle move os lábios. Faz cessar a algazarra com um grito.) Heil rapazes, devagar! Esperem um momento! A nossa velha harpa irlandesa está falando alguma coisa.

PADDY (é agora ouvido. Êle atira a cabeça para trás, num acesso de riso gozador:.) — Ah-ah! Ah-ah! Ah-ah!...

YANK (preparando o punho para desferir um sôco, com um grunhido:.) — Ôpa! É pra mim êsse latido?

PADDY (começa a cantar "O Moleiro de Dee" com enorme bom humor:.) — "Eu não ligo pra ninguém.  
E ninguém liga pra mim."

YANK (readquirindo logo seu bom humor, interrompe Paddy dando-lhe no dorso nu um tapa que soa como uma detonação:.) — Assim, sim! Tu agora sabe como fazer. Não ligar pra ninguém, isso é que é. Pro diabo todo o mundo! É pouco importa que ninguém ligue pra mim. Posso me cuidar muito bem, eu. (Soam oito campainhadas surdas, vibrando através das paredes de aço, como se um enorge gongo de bronze estivesse escondido no âmago do navio. Todos os homens levantam-se de salto, mecânicamente, e saem silenciosos pela porta.

um atrás do outro, num passo cadenciado muito semelhante ao de prisioneiros. Yank bate nas costas de Paddy:.) É o nosso quarto, velha harpa quebrada! (Em tom de moça:.) Vem comigo pras profundas do inferno. Vem comer poeira de carvão. Vem bufar de calor. Assim é que é, te digo! Mas como se tu gostasse do serviço, que é melhor... ou te estupora logo duma vez.

PADDY (num tom de desafio jovial:.) — Pro diabo o serviço! Não vou tirar êste quarto. Êles que dêem parte de mim e se danem. Não sou um escravo como você. Vou ficar aqui sentado no meu bem-bom, bebendo, pensando e sonhando.

YANK (com desprezo:.) — Pensando e sonhando, e o que tu vai ganhar com isso? Que tem o pensamento que ver com tudo isto? Nós andamos, não é? Desenvolvemos velocidade, está certo? O nevoeiro, é só o que tu representa. Mas nós passamos através do nevoeiro, hem? Cortamos pelo meio dêle e atravessamos a tôda velocidade... vinte e cinco nós por hora! (Volta as costas a Paddy, desdenhosamente.) Oh, tu me deixa doente! Tu não é daqui! (Sai a grandes passadas pela porta ao fundo. Paddy trauteia consigo mesmo, piscando os olhos com ar aparvalhado.)

## QUADRO SEGUNDO

Ao cabo de dois dias de travessia. Uma secção do convés superior do navio. Mildred Douglas e sua tia estão reclinadas em cadeiras de convés. Mildred é uma jovem de vinte anos, esguia e frágil: os traços bonitos do seu rosto pálido são prejudicados por uma expressão auto-suficiente de desdenhosa superioridade. Ela parece irritada, nervosa e descontente, saturada de sua própria anemia. A tia de Mildred é uma senhora idosa e solene, orgulhosa e corpulenta. O tipo clássico da velha dama, inclusive a papada e o lornhão. Veste-se pretensiosamente, como se temesse que sua cara, por si só, não indicasse suficientemente sua posição social. Mildred está de branco dos pés à cabeça. Este quadro visa a dar a impressão da beleza e do frescor da vida sobre o mar: a coberta está inundada de sol e ventilada pela brisa marinha. Em meio a isto, Mildred e sua tia parecem dois seres incongruentes, artificiais, inertes e que não se harmonizam com o cenário. A velha dama é como um monte de massa acinzentada com alguns toques de "rouge" cá e lá; a jovem dá a impressão de que a vitalidade de sua raça foi reduzida a nada antes mesmo que ela fôsse concebida, de maneira que já não exprime sua energia vital, mas somente os caracteres fictícios que esta energia adquiriu ao extinguir-se.

MILDRED (*erguendo a vista com ar de devaneio afetado:*) — Veja as volutas de fumaça negra contra o céu! Não é mesmo lindo?

A TIA (*sem levantar os olhos:*) — Qualquer espécie de fumaça me desagrada.

MILDRED — Minha bisavó fumava cachimbo, um cachimbo de barro.

A TIA (*arrepiaando-se:*) — O que estás dizendo é vulgar.

MILDRED — Ela era uma parenta demasiado afastada para ser vulgar. Com o tempo, os cachimbos tornam-se doces.

A TIA ( *fingindo-se aborrecida, mas realmente colérica:*) — Será que os estudos de sociologia na Universidade te ensinaram a fazer de vampiro em tôdas as ocasiões, e a desenterrar velhas ossadas? Por que não deixas tua bisavó descansando em seu túmulo?

MILDRED (*sonhadora:*) — Ela com o cachimbo ao lado. Está tirando baforadas no paraíso.

A TIA — Sim, és um verdadeiro vampiro de nascença. E até mesmo, querida, começa a tomar o aspecto de um.

MILDRED (*num tom muito calmo:*) — Eu detesto a senhora, minha tia. (*Olhando-a minuciosamente.*) Sabe no que me faz pensar? Numa salsicha de porco sobre uma toalha de oleado na cozinha de um... Mas é cansativo demais pensar em tudo com o que você pode parecer. (*Fecha os olhos.*)

A TIA (*com um riso amargo:*) — Obrigada pela franqueza! Mas já que sou e devo continuar tua acompanhante, pelo menos na aparência, tratemos de concluir uma espécie de paz armada. Pelo que me diz respeito, deixo-te completamente li-



vre para assumires tôdas as atitudes excêntricas que possam te agradar, contanto que observes as regras da correção.

MILDRED (*com voz arrastada:*) — Da correção?

A TIA (*continuando como se não tivesse ouvido:*) — Depois de esgotar tôdas as emoções mórbidas das obras filantrópicas nos bairros pobres de Nova York — como te devem ter detestado, seja dito de passagem, os pobres que assim tornavas mais pobres ainda aos seus próprios olhos! — eis que agora te decides a passear tua beneficência pelos quatro cantos do mundo. Muito bem, espero que Whitechapel forneça aos teus nervos o tônico de que necessitam. Seja como fôr, não me peças para te acompanhar ali. Disse ao teu pai que não o faria. Aborreço as coisas feias. Contrataremos um exército de detetives e poderás fazer *enquêtes* sôbre tudo... o que te permitirem ver.

MILDRED (*protestando num tom sério, que parece quase sincero:*) — Seja o suficientemente amável e não zombe dos esforços que faço para tentar saber como vive a outra metade do mundo. Conceda-me a honra de me acreditar capaz, pelo menos neste ponto, de um pouco de sinceridade: a sinceridade daquele que busca às apalpadelas. Gostaria de ajudar as pessoas pobres. Gostaria de ser útil a alguma coisa neste mundo. É culpa minha se não sei como fazer? Gostaria de ser sincera, de tomar contacto com a vida em qualquer parte. (*Num tom de lassidão e amargura:*) Mas temo não possuir nem a vitalidade nem a pureza que é preciso para isso. Elas se volatizaram em nossa família antes que eu nascesse. Vovô com seus altos-fornos, cujas chamas sobem até o céu, ganhou milhões fundindo aço; papai entretém êsse fogo familiar e ganha outros milhões; e depois, bem no fim da cadeia, estou eu, uma pobre coisinha. Sou uma espécie de escória do processo Bessemer, como os milhões. Ou antes, herdo os caracteres secundários do subproduto, a fortuna, mas não a energia, a fôrça do aço que a criou. Tenho ouro por meu pai e ouro por minha mãe, como se diz nos prados de corridas, e o diabo por padrinho. (*Ri sem alegria.*)

A TIA (*impassível e altiva:*) — Pareces propensa à sinceridade, hoje. Francamente, isto não te assenta, salvo como uma atitude. Aconselho-te a ser tão superficial como o és na realidade. Há uma espécie de sinceridade no artifício, como sabes. E, afinal de contas, deves reconhecer que preferes isso.

MILDRED (*reassumindo sua atitude afetada e entediada:*) — Sim, talvez prefira. Perdoe-me o desabafo. Quando um leopardo se queixa de suas malhas, isso deve parecer grotesco. (*Num tom irônico:*) Ronrona, meu pequeno leopardo. Ronrona, arranha, despedaça, mata, afoga-te em sangue e sê feliz; apenas, fica na selva onde tuas malhas te servem de camuflagem. Numa jaula, elas te tornam visível.

A TIA — Na verdade, já não sei de que falas.

MILDRED — Seria inconveniente que eu lhe falasse de qualquer assunto. Falemos antes sôbre coisa nenhuma. (*Consulta seu relógio de pulso:*) Ah! Graças a Deus está quase na hora em que êles devem vir me buscar. Vai ser para mim uma emoção nova, tia.

A TIA (*cuja perturbação não é afetada:*) — Não pretendes me fazer crer que tencionas realmente ir lá? A sujeira e o calor devem ser insuportáveis.

MILDRED — Vovô começou a vida como fundidor. Devo ter herdado dêle uma insensibilidade ao calor capaz de dar arrepios numa salamandra. Vai ser divertido tirar a prova.

A TIA — Mas não é preciso que tenhas uma permissão especial do comandante, ou de alguém a bordo, para visitar as fornalhas?

MILDRED (*com um sorriso triunfal:*) — Tenho a dêle e a do maquinista-chefe. Ah, sim! êles não a queriam dar a princípio, apesar de todos os documentos que possuo atestando que me interesse pelas obras sociais. Não pareciam nada desejosos

de que eu investigasse a maneira como a outra classe vive e trabalha a bordo de um navio. Tive então que lhes contar que meu pai, diretor das aciarias de Nazareth e presidente do conselho administrativo desta linha de transatlânticos, me dissera que não via inconveniente nisso.

A TIA — Mas êle nunca te disse nada de semelhante!

MILDRED — Como uma pessoa fica ingênua com a idade! Pois olhe, eu disse que êle tinha dito, tia. Disse mesmo que lhes mandara uma carta... que eu perdi. Bem, êles têm medo de correr o risco de que eu lhes tenha mentido. (*Com entusiasmo:*) E dêsse modo, vou visitar as fornalhas! O segundo maquinista deve acompanhar-me. (*Tornando a consultar o relógio:*) Está na hora. E aí vêm êles, creio eu.

*Entra o segundo maquinista. É um homenzarrão de boa aparência, que pode ter trinta e cinco anos. Detêm-se diante das duas damas e soergue o quêpi, visivelmente pouco à vontade.*

O SEGUNDO MAQUINISTA — Senhorita Douglas?

MILDRED — Sou eu. (*Repele as cobertas e levanta-se.*) Estamos prontos para ir?

O SEGUNDO MAQUINISTA — Num segundo, senhorita. Espero o Quarto Maquinista, êle vem conosco.

MILDRED — O senhor não deseja assumir esta responsabilidade sozinho, não é?

O SEGUNDO MAQUINISTA (*com um sorriso forçado:*) — É melhor sermos dois que um. (*Constrangido ante o olhar de Mildred, lança uma olhada ao mar, depois diz maquinalmente:*) Bom tempo hoje.

MILDRED — Parece-lhe?

O SEGUNDO MAQUINISTA — Uma boa brisa quente...

MILDRED — Acho-a fria.

O SEGUNDO MAQUINISTA — Mas faz bastante calor ao sol...

MILDRED — Não o bastante para mim. Não amo a natureza. Nunca fui esportiva.

O SEGUNDO MAQUINISTA (*com um sorriso forçado:*) — Bem, sentirá bastante calor lá aonde vai.

MILDRED — Onde? No inferno?

O SEGUNDO MAQUINISTA (*perplexo com esta resposta, mas tomando o partido de rir:*) — Ah, ah! Não, eu me refiro às fornalhas.

MILDRED — Meu avô era fundidor. Brincava com o aço em fusão.

O SEGUNDO MAQUINISTA (*perplexo e pouco à vontade:*) — Realmente? Peço-lhe perdão, senhorita, mas vai com êsse vestido mesmo?

MILDRED — Por que não?

O SEGUNDO MAQUINISTA — Naturalmente vai ficar manchado de óleo ou de fuligem. Não há jeito de evitar isso!

MILDRED — Não faz mal. Tenho montes de vestidos brancos.

O SEGUNDO MAQUINISTA — Tenho uma velha capa que poderia colocar por cima...



MILDRED — Tenho cinqüenta vestidos como êste. Jogarei êste no mar quando regressarmos. Isso o limpará, não lhe parece?

O SEGUNDO MAQUINISTA (*num tom brusco:*) — É preciso descer escadas que não são muito limpas, e depois há corredores estreitos, escuros...

MILDRED — Irei com êste vestido, não com outro.

O SEGUNDO MAQUINISTA — Seja dito sem ofensa... Isto não me diz respeito. Queria apenas preveni-la.

MILDRED — Prevenir-me? Então, vamos ter emoções?

O SEGUNDO MAQUINISTA (*olhando para a outra extremidade da coberta, com um suspiro de alívio:*) — O Quarto Maquinista acaba de chegar. Êle nos espera. Se quiser ter a gentileza...

MILDRED — Vá na frente. Eu o seguirei. (*Êle parte. Mildred sorri com ar zombeteiro para a tia.*) Um imbecil, mas um imbecil bonitão e másculo.

A TIA (*com desdém*) — Afetada!

MILDRED — Tome cuidado. Êle disse que havia corredores escuros...

A TIA (*no mesmo tom:*) — Afetada!

MILDRED (*mordendo os lábios:*) — Tem razão! Mas bem que gostaria que meus milhões não me condenassem a esta castidade anêmica!

A TIA — Sim, só para fazer pose, tenho certeza que lançarias à sarjeta o nome de Douglas!

MILDRED — De onde êle saiu. Até logo, tia. Não reze com demasiado fervor para que eu caia dentro da fornalha.

A TIA — Afetada!

MILDRED (*com perversidade:*) — Velha bruxa! (*Com insolência, dá um tapa no rosto da tia e sai rindo alegremente.*)

A TIA (*perseguindo-a com seus gritos:*) — Sim, é isto mesmo: afetada!

### QUADRO TERCEIRO

A sala das fornalhas. Ao fundo, confusamente, distinguem-se as formas enormes das fornalhas e caldeiras. Muito no alto, suspensa de um fio, uma lâmpada elétrica espalha nesta atmosfera tenebrosa, carregada de poeira de carvão, uma claridade apenas suficiente para acumular massas sombrias em todo o recinto. Uma fileira de homens com o dorso nu diante das aberturas das fornalhas. Eles pendem para a frente, sem olhar nem à direita nem à esquerda, manejando suas pás como se elas fizessem parte de seus corpos, e balançando-se segundo um ritmo estranho e desgracioso. Servem-se das pás para abrir as portas das fornalhas. Dêstes buracos redondos que flamejam nas trevas escapa-se, diretamente sobre os homens, um jorro de luz e de calor tórrido; suas silhuetas destacam-se na atitude humilhada e inumana de gorilas acorrentados. Os padejadores, em cadência, parecem oscilar sobre um gonzo; eles apanham o carvão que está amontoado à sua retaguarda e lançam-no nas aberturas dos braseiros que têm diante de si. O ruído é espantoso: som metálico das portas de ferro abertas e fechadas com violência; rangido das peças de aço roçando uma contra outra, do carvão triturado. Esta barulheira é ensurdecidora porque há nela cacofonia e dilaceramento para o ouvido. Não obstante,

descobre-se nela uma ordem, um ritmo, repetições de uma regularidade mecânica e como que um movimento musical. Depois, dominando tudo, fazendo palpitar o ar num frêmito de energia liberta, o roncar das chamas impetuosas dentro das fornalhas e a pulsação monótona das máquinas. Ao subir o pano, as portas das fornalhas estão cerradas. Os homens repousam por um momento. Um ou dois dentre eles arrumam o carvão que se encontra à retaguarda, dispondo-o em montes mais acessíveis. Quanto aos outros, são vistos indistintamente apoiados às suas pás, numa atitude de indiferença e de exaustão.

PADDY (não se distingue exatamente onde ele está na fileira de homens — com voz queixosa:) — Miséria, este maldito quarto não vai acabar nunca? Estou com as costas arrebatadas. Não me agüento mais em pé.

YANK (do meio da fila — num tom de exuberante desdém:) — Ah, que tu até me dá nojo! Por que não te jogas no chão e não rebentas duma vez? Sempre a se lamuriar! Teu mal é falta de competência! Isto foi feito pra mim! Estou no meu elemento, aqui, compreendes? (Ouve-se um apito, um som breve e agudo que parece vir do alto, das trevas. Yank pragueja, mas em cólera.) É outra vez essa peste de maquinista que estala o chicote. Ele pensa que estamos vadiando.

PADDY (rancoroso:) — Ele que vá pro diabo, o nojento!

YANK (num tom de comando entusiasta:) — Vamos, companheiros! Ao batente! Ela está com fome, a máquina! Quer comida! Temos que encher-lhe a barriga! Vamos, todos juntos! Abram-lhe a bocarra!

A estas palavras, todos os homens, que se puseram em posição imitando os gestos de Yank, abrem as portas das fornalhas com um ruído ensurdecedor. A luz cintilante espalha-se sobre seus ombros enquanto eles se voltam para apanhar o carvão. Filêtes de suor misturado com fuligem traçaram sobre



seus dorsos linhas que se assemelham a cartas geográficas. Seus músculos aumentados pela claridade formam massas de luz e sombra fortemente delineadas.)

YANK (contando com voz cantante, enquanto padeja o carvão sem esforço aparente:) — Um... dois... três... (Sua voz adquire um tom de contentamento na alegria do combate:) Ah-ah! ela me conhece! Dêem-lhe de comer! Todos juntos agora! Atulhem esta barriga! É preciso que ela ande! Dêem tudo o que ela pede. Dêem de rijo! Olha, está-se mexendo! Vejam como ela fumega! Velocidade, é disto que ela gosta! Dêem-lhe carvão, rapazes! É o mesmo que pinga pra ela! Bebe, pequena! E mostra pra gente como tu sabe correr! Taca peito e ganha pra nós esta carreira! Lá vai ela-a-a!...

(Ele pronuncia estas últimas palavras no ritmo cantante dos espectadores do "poleiro" na corrida de bicicleta dos Dez Dias. Fecha com violência a porta da sua fornalha. Os outros fazem o mesmo, com tanto senso de conjunto quanto lhes permite a lassidão de seus corpos. Tem-se a impressão de uma série de olhos incandescentes extinguindo-se um após outros com estrondo correspondente.)

PADDY (gemendo:) — 'Tou estourado... estafado... minhas costas...

Pausa. Depois o apito torna a soar, inexorável: o som provém das regiões obscuras que se encontram acima da lâmpada elétrica. De toda parte, um rugido de furiosas imprecações faz-se ouvir.

YANK (levantando o punho — com desprezo:) — Calma, lá em cima! Quem tu pensa que faz trabalhar esta máquina, tu ou eu? Quando eu 'tiver pronto, nós mandamos lenha. Antes, não! Quando eu 'tiver pronto, tu compreende?

AS VOZES DOS HOMENS (aprovarando Yank:) — Falou bem! Apoiado!

Yank tisse o que êle precisafa te oufir, êsse tiabo!  
O Yank não tem mêdo.  
Um bon camarrada, o Yank.  
Manda êle se danar!  
Diz que êli é um nodjento!  
Um miserável carrasco!

YANK (com desprezo:) — Êle não é de nada. É um vira-lata, compreendem? Todos êsses maquinistas não passam de vira-latas. E todos êles são sarnentos. Ah! êles que vão pro diabo! Ao trabalho, minha gente! Já descansamos. A máquina precisa de nós! Temos que lhe dar de comer! Não é por êle que trabalhamos. Êle e o seu apito não têm nada que fazer aqui. Mas nós, êste é o nosso negócio, não é? Temos que encher esta máquina de carvão. Vamos, ela está esperando!

(Êle se volta e abre violentamente a porta da fornalha que tem a seu cargo. Todos o imitam. Neste momento entram o segundo e o quarto maquinistas, emergindo da obscuridade pela esquerda; Mildred está entre os dois homens. Ela estremece, empalidece; sua afetação se extingue pouco a pouco; apesar do calor tórrido, ela treme de mêdo, mas não obstante encontra a fôrça necessária para deixar os maquinistas e dar alguns passos aproximando-se dos foguistas. Está justamente atrás de Yank. Todo êste jôgo de cena é muito rápido; os homens têm sempre as costas voltadas.)

YANK — Vamos, gente! (Êle se volta para apanhar o carvão, quando torna a silvar o apito, peremptório e irritante. Yank tem um brusco acesso de furor. Enquanto os homens, que já se voltaram completamente, ficam assombrados ao deparar com Mildred em seu vestido branco, Yank não se volta o suficiente para percebê-la. Além disso, êle está com a cabeça inclinada para trás; êle pisca e olha para cima, tentando lobrigar através das trevas o proprietário do apito. Com uma das mãos, êle brande a pá acima da cabeça num gesto assassino; com a outra, aplica fortes golpes no próprio peito, à maneira

*de um gorila, gritando:)* Pára com êsse apito! Desce aqui, salafário de Belfast, boneco de farda engomada! Desce aqui embaixo que te arreberto as fuças! Guarda-costas do diabo, alma de assassino, feitor de escravos! Desce aqui que eu te desço! Ah! tu gosta de apitar, não é? Pois vem aqui, que te faço engolir êsse apito, eu! Quebro tua cara! Te arranco as orelhas! Faço teu nariz sair do outro lado da cabeça! Corto tuas tripas em dez pedaços, cretino piolhento, morto-de-fome, comedor de rato, filho de uma...

*Súbito se dá conta de que todos os seus companheiros fixam um ponto situado justamente atrás dêle. Gira sôbre os calcanhares numa atitude de defesa, emitindo um grunhido mau, quase homicida, e agacha-se, prestes a saltar, descobrindo os dentes; seus pequenos olhos brilham ferozmente. Percebe Mildred, que lhe produz o efeito de branca aparição à luz crua das fornalhas abertas. Petrificado, lança olhares inflamados. Mildred ouviu-o vociferar prêsa de terror, de horror paralisante; tôda a sua personalidade está esmagada, aniquilada pelo choque formidável que ela experimenta em contacto com esta brutalidade desconhecida, insondável, sem véu e sem pudor. Enquanto ela contempla as feições de gorila de Yank, seu olhar encontra o dêle; ela emite um pequeno grito abaçado e recua amedrontada, cobrindo os olhos com as mãos, como para não ver o rosto de Yank e proteger-se ela própria. Êste gesto faz Yank estremecer e reagir. Sua bôca se abre, seus olhos tomam uma expressão de perplexidade.*

MILDRED (*prestes a desfalecer, aos maquinistas, que a seguram pelos braços, num tom lamuriento:*) — Levem-me daqui! Oh! que animal ignóbil!

*(Ela desmaia. Êles a levam ràpidamente e desaparecem na escuridão ao fundo, à esquerda. Ouve-se o bater de uma porta de ferro que se fecha. Uma raiva furiosa, irracional, apodera-se novamente de Yank. Êle sente-se ultrajado de um modo desconhecido naquilo que constitui o núcleo de seu or-*

*gulho. Berra:)* “Vão pro diabo!” (*Depois arremessa sua pá em direção a êles, contra a porta que vem de ser fechada. A pá bate com estrondo contra o aço da porta e cai fragorosamente sôbre o aço do pavimento. Das alturas torna a vir o imperioso som do apito, prolongado, irritado, insistente.*

## P A N O

## QUADRO QUARTO

*A sala dos foguistas, à proa do navio. A equipe da qual Yank faz parte acaba de ser rendida. Os homens jantaram. Uma boa ensaboada tornou reluzente de limpeza a epiderme de seus rostos e corpos, exceto em torno dos olhos, onde a poeira do carvão, que uma esfregadela ativa não remove, adere como uma maquilagem negra. Isso lhes dá uma expressão fisionômica estranha e sinistra. Yank não lavou nem a cara nem o corpo. Sua silhueta enegrecida e pensativa faz contraste com a limpeza dos outros foguistas. Ele está sentado num dos bancos em primeiro plano, numa atitude idêntica à do "Pensador" de Rodin. Os outros homens (a maior parte fumando cachimbo) contemplou Yank fixamente de um modo meio atemorizado — como se temesse uma explosão de cólera de sua parte — e meio divertido, como se vissem algures motivo de brincadeira.*

AS VOZES DOS HOMENS — Ele não comeu nada.  
Tiabo, é preciso comerr!  
É isso mesmo!  
O Yank alimenta la furnalhia, ma no si alimenta, êli!  
Ah! Ah!

Ele nem se lavou.  
Se esqueceu.  
Hei, Yank, você esqueceu de se lavar.

YANK (*de mau humor:*) — Não esqueci nada! A lavação que vá pro diabol!

AS VOZES DOS HOMENS — É que depois você não consegue tirar o carvão.

Ele entra na pele, depois não sai.  
Chateia como o diabol!  
Você vai ficar malhado como um leopardo.  
Come un negro, ti digo!  
Trrata de te limparr, Yank.  
Senão você não dorme direito.  
Vai-te lavar, Yank!  
Vai-te lavar! Vai-te lavar!

YANK (*colérico:*) — Hei! Parem com isto. Me deixem em paz. Vocês não vêem que estou fazendo força pra pensar?

TODOS (*repetindo a palavra após ele como um só homem, num tom de zombaria cínica:*) — Pensar!

*A palavra repetida em câoro adquire uma qualidade metálica: dir-se-ia que suas gargantas são cornetas acústicas de fonógrafo; imediatamente após, eles se põem a rir — é uma algazarra geral de risos acres, que soam como latidos.*

YANK (*erguendo-se de salto e defrontando-os com ar belicoso:*) — Sim, pensar! Pensar, é o que estou dizendo! E daí?

*(Eles permanecem silenciosos, espantados ao vê-lo subitamente se encolerizar a propósito de algo que antes constituía uma de suas brincadeiras habituais. Yank torna a sentar-se na atitude do "Pensador".)*



AS VOZES DOS HOMENS — É melhor deixar êle sossegado. Êle está com a cachorra. Tem direito, não tem?

PADDY (*piscando para os outros:*) — Pois eu sei o que há com êle. Está é apaixonado. Isso é fácil de ver.

TODOS (*repetindo a palavra após êle como um só homem, num tom de zombaria cínica:*) — Apaixonado!

(*A palavra adquire uma qualidade metálica; dir-se-ia que suas gargantas são cornetas acústicas de fonógrafo. Imediatamente após, êles se põem a rir em câoro — é uma algazarra geral de risos acres, que soam como latidos.*)

YANK (*com um resmungo de desprezo:*) — Apaixonado, eu? O amor que vá pro diabo! Ódio, é o que eu tenho. Estou com ódio, entendem?

PADDY (*filosoficamente:*) — É preciso ser muito sabido pra diferenciar um do outro. (*Com um desdém amargo e irônico, que aumenta à medida que êle fala:*) Mas eu digo pra vocês que é uma história de amor. Que podia ser senão amor por nós, pobres diabos das caldeiras, o que fêz uma dama, tôda vestida de branco como uma rainha, descer um quilômetro de escadas pra vir nos espiar? (*De tôda parte, um murmúrio de cólera faz-se ouvir.*)

LONG (*saltando sobre um banco, muito agitado:*) — Veio aqui pra nos insultar! Veio nos insultar, aquela vaca! Ela e os canalhas dos maquinistas! Que direito têm êles de nos exhibir, como se aqui fôsse uma gaiola de macacos no Jardim Zoológico? Por acaso está no nosso contrato que devemos ser insultados na nossa dignidade de trabalhadores honestos? Isso está no regulamento de bordo? Vocês podem apostar que não! Mas eu sei porque êles fizeram isso. Perguntei a um garçom do convés quem era ela e êle me disse. O pai é um grande milionário, um dêsses porcos de capitalistas! Êle tem bastante

dinheiro roubado dos pobres pra mandar pro fundo êste navio, se isso lhe der prazer! É êle que fabrica a metade do aço do mundo! Êste raio de navio, é a êle que pertence. Vocês e eu, camaradas, somos escravos dêle! O comandante, os imediatos e os maquinistas, todos são escravos dêle! E ela é filha dêle, e nós todos somos escravos dela também! E então ela dá ordens para lhe mostrarem os bichos feios que vivem no fundo do porão, por isso trazem ela aqui! (*Todos os homens rugem de cólera.*)

YANK (*que o contempla perplexo, apertando os olhos:*) — Me diga! Pare um momento! Isso é verdade?

LONG — Se él Foi o garçom que serve a ela que me contou tudo. Agora eu pergunto: Que é que vamos fazer? Temos que engolir seus insultos como cachorros? Não está no regulamento de bordo. Fiquem vocês sabendo que é motivo pra se mover processo. Podemos apelar pra justiça...

YANK (*num tom de insondável desdém:*) — A justiça que vá pro diabo!

TODOS (*repetindo a palavra após êle como um só homem, num tom de zombaria cínica:*) — A justiça!

(*A palavra adquire uma qualidade metálica; dir-se-ia que suas gargantas são cornetas acústicas de fonógrafo. Imediatamente após, êles se põem a rir em câoro — é uma algazarra geral de risos acres, que soam como latidos.*)

LONG (*sentindo faltar-lhe o terreno. Desesperadamente:*) — Como eleitores e como cidadãos, podemos obrigar as autoridades...

YANK (*num tom de insondável desdém:*) — As autoridades que vão pro diabo!

TODOS (repetindo a palavra após êle como um só homem, num tom de zombaria cínica:) — As autoridades!

(A palavra adquire uma qualidade metálica; dir-se-ia que suas gargantas são cornetas acústicas de fonógrafo. Imediatamente após, êles se põem a rir em côro — é uma algazarra geral de risos acres, que soam como latidos.)

LONG (frenético:) — Nós somos livres e iguais perante Deus...

YANK (num tom de insondável desdém:) — Deus que vá pro diabol!

TODOS (repetindo a palavra após êle como um só homem, num tom de zombaria cínica:) — Deus!

(A palavra adquire uma qualidade metálica; dir-se-ia que suas gargantas são cornetas acústicas de fonógrafo. Imediatamente após, êles se põem a rir em côro — é uma algazarra geral de risos acres, que soam como latidos.)

YANK (fulminante:) — Hei, vai pro Exército de Salvação!

TODOS — Senta! Cala essa bôca! Pedaco de burro! Advogado de água doce!

(Long desaparece furtivamente.)

PADDY (acompanhando o curso de seus pensamentos, como se jamais o tivessem interrompido:) — ...Ela estava de pé atrás de nós, e o segundo maquinista nos mostrava com o dedo como o homem do circo explicando aos visitantes: "Nesta gaiola estão vendo a mais curiosa espécie de macacos do centro da África. Nós os cozinhamos em seu próprio suor, e eu lhes garanto que muitos dêles até gostam disso!" (Olha para Yank com desprezo.)



YANK (*com um grunhido perplexo, incerto:*) — Hum!

PADDY — E depois, lá estava o Yank rogando tôdas as pragas que sabia e levantando a pá como pra rebentar a cabeça dela... E êle olhava pra ela, e ela pra êle...

YANK (*lentamente:*) — Ela estava tôda de branco. Pensei até que era um fantasma. Sim, foi mesmo o que eu pensei.

PADDY (*com humor pesado, mordaz e sarcástico:*) — Foi amor à primeira vista, não tem dúvida! Se você vissem a expressão com que ela olhava pra êle e a sua carinha pálida, enquanto ia recuando e se encolhendo tôda, as mãos tapando os olhos pra não ver mais nada! Era igual como se ela estivesse olhando um macaco peludo fugido do Jardim Zológico!

YANK (*ferido ao vivo e lançando um grunhido de raiva:*) — Ah!

PADDY — E o modo carinhoso como o Yank lhe atirou com a pá na cabeça... só que ela já estava do outro lado da porta! (*O sarcasmo desenha-se em seu rosto:*) Era tocante, eu garanto a vocês! Aquilo trouxe um pouco das doçuras da vida familiar às fomalhas.

(*Todos riem às gargalhadas.*)

YANK (*olhando para Paddy com ar ameaçador:*) — Ah! cala essa bôca, hem!

PADDY (*não dando atenção a Yank e dirigindo-se aos outros:*) — Valia a pena ver como ela se agarrava ao braço do segundo maquinista pedindo proteção. (*Imitando grotescamente uma voz de mulher:*) “Me abraça, meu maquinistazinha querido, que meu pai está em Wall Street ganhando pra nós o burro do dinheiro e aqui está muito escuro! Me aperta bem nos teus braços, meu amor, porque tenho medo do escuro e minha mãe está no convés se arretando pro comandante!”



(Nova explosão de gargalhadas.)

YANK (ameaçador:) — Olha aqui! Por acaso tu está querendo se divertir à minha custa, velha harpa irlandesa?

PADDY — Não, com os diabos! Não havia de gostar, também eu, que você lhe tivesse arrebitado a cabeça?

YANK (feroz:) — Eu rebento. Eu rebento. Não é tarde demais, vocês vão ver! (Aproximando-se de Paddy, lentamente:) Me diga, foi assim mesmo que ela me chamou: macaco peludo?

PADDY — Bom, se não disse, tinha todo o jeito de pensar, quando estava olhando pra você.

YANK (rilhando os dentes:) — Macaco peludo, ah! Sim, era o que ela estava pensando quando olhou pra mim. Macaco peludo! Sou eu, então? (Explodindo de furor, como se Mildred estivesse ainda diante dele:) "Sua" vagabunda magrela! Sirigaita com cara de defunto! Vou te mostrar quem é macaco! (Voltando-se para os companheiros e novamente perplexo:) Vejam vocês, eu estava com ganas de esgoelar aquêla maquinista que apitava lá de cima. Vocês me ouviram. Depois notei que vocês olhavam para alguma coisa; pensei que êle tinha descido na surdina pra me atacar pelas costas e fiz uma pirueta pra lhe 'sentar a pá. E era ela que estava ali no clarão das fornalhas! Raios me partam, qualquer um podia me derubar com um peteleco! Fiquei apavorado, vocês compreendem? Sim! Pensei que era um fantasma, como já disse! Ela estava tôda de branco como uma aparição. Vocês viram. Foi minha culpa? Ela não tinha nada que fazer aqui, ora essa! E quando voltei a mim, quando vi que era um rabo-de-saia em carne e osso, e vi o jeito como ela olhava pra mim (como disse o Paddy), santo Deus! eu fiquei mesmo furioso, vocês compreendem? É coisa que não admito de ninguém. Então atirei com a minha pá, só que ela já tinha dado o fora. (Fu-

rioso:) Gostaria que a minha pá tivesse acertado nela! Gostaria que lhe tivesse arrancado a cabeça!

LONG — E você? Você seria enforcado ou eletrocutado. Que diabo, ela não vale isso!

YANK — Não fazia mal! Teria ajustado minhas contas, não é? Então, tu pensa que vou deixar ela me ofender? Tu pensa que a coisa vai ficar assim? Tu não me conhece? Nunca ninguém me insultou sem levar a pior, entendeu? Insultos eu não engulo de ninguém: de nenhum macho e de nenhuma fêmea! Ela vai ver uma coisa! Se torna a descer aqui...

UM HOMEM — Não tem perigo, Yank. Você lhe deu tamanho susto que ela vai parar de crescer durante um ano.

YANK — Dei susto, eu? Mas por que diabo eu havia de dar susto? E que diabo é ela? Não é igual a mim? Macaco peludo, han? (Retomando seu tom confiante e jactancioso:) Eu vou mostrar que sou melhor que ela, se ela puder compreender a verdade. Estou no meu lugar e ela não, vocês entendem? Eu me viro e ela está morta! Vinte e cinco nós por hora, é a minha marcha. Ela não passa duma bagagem. Sim, é isto! (Novamente perplexo:) Mas, com os diabos, ela nem parecia gente! Vocês viram que mãos? Brancas e descarnadas. Se enxergava os ossos através da pele. E o focinho! Branco como a morte, também. E os olhos! Pareciam que tinham visto um fantasma. O fantasma era eu! Sim! Eu, o macaco peludo! Eu, um fantasma? Vejam isto aqui! (Estende o braço direito, enrijando os poderosos músculos:) Eu podia pôr aquela franga depenada em baixo do braço e lhe torcer o pescoço com um dedo. (Sempre perplexo:) Digam, quem é aquela dona? O que é ela? De onde saiu? Quem lhe deu o topête de me olhar daquele jeito? Foi o que me fez ferver o sangue. Não entendo ela. É novidade pra mim. Pra que serve uma cadela daquela raça? Ela não é gente, compreendem? Não posso ver uma coisa assim. (Cada vez mais encolerizado:) Mas eu sei o que vou fazer. E vocês podem apostar a camisa como ela me paga.

Vamos ver se ela pensa que... ela toca o realejo e eu danço na ponta da corda, hem? Eu dou um jeito nela! Que desça aqui: eu atiro com ela dentro da fornalha! Então ela vai ter que se mexer! E não se assustará mais com ninguém! Então ela vai virar velocidade! Então ela vai fazer parte, também! (*Ri com terrível escárnio.*)

PADDY — Aqui ela nunca mais vem. Já se divertiu demais, acho eu. Deve agora estar de cama com uma dúzia de médicos e enfermeiras ao lado, tentando curar sua dor de barriga!

YANK (*exasperado:*) — Você também acha que eu botei ela doente, hem? Só de olhar pra mim, hem? Macaco peludo, hem? (*No paroxismo do furor:*) Ah! ela me paga! Vai ver uma coisa! Terá que cair de joelhos e retirar o que disse, senão lhe arranco a cabeça! (*Levantando um punho e batendo no peito com o outro:*) Hei de te encontrar, vais ver! E é pra já entendes? Tu me pagas, por Deus! (*Precipita-se para a porta.*)

AS VOZES DOS HOMENS — Agarrem êle!  
Vão lhe darr um tirro!  
Êle vai matar!  
Dá-lhe um calço!  
Sigura firme!  
Êle ficou louco!  
Teus, que vôrça!  
Não deixem êle levantar!  
Cuidado com os coices!  
Prendam os braços!

*Êles se atiraram sobre Yank e, após uma luta furiosa, conseguiram imobilizá-lo sob seu pêso e mantê-lo por terra, bem junto à porta.*

PADDY (*que se manteve afastado:*) — Conservem êle deitado, até que fique mais calmo. (*Com desprêzo:*) Irra, Yank,

és mesmo um grande imbecil. Por que te preocupas tanto com essa perua descarnada que não tem nas veias uma só gota de sangue verdadeiro?

YANK (*louco furioso, sob a massa de homens:*) — Ela me fêz sujeira, me fêz sujeira, não fêz? E vai me pagar! De qualquer modo, vai me pagar! Saiam de cima de mim! Me deixem levantar! Eu mostro a ela quem é macaco!

## P A N O

## QUADRO QUINTO

*Três semanas mais tarde. Uma esquina da Quinta Avenida, à altura da Rua Cinquenta, num domingo pela manhã. Faz bom tempo. A atmosfera geral é a de uma grande artéria, limpa e bem ordenada, banhada por um sol doce e temperado; as brisas sopram amáveis e aristocráticas. Ao fundo, as vitrinas de duas lojas: uma joalheria na esquina e, ao lado, uma peleteria. Os ornamentos da opulência são aí exibidos com profusão: um verdadeiro suplício de Tântalo. Na vitrina da joalheria fulgem diamantes, esmeraldas, pérolas e rubis montados em tiaras, diademas, chuveiros e colares. Junto a cada peça está suspenso um enorme cartão onde intermitentemente aparecem, em cifras luminosas, incríveis preços em dólares. O mesmo sucede na outra vitrina. Ricas peles de toda espécie são ali apresentadas, sob jorros de luz artificial. O efeito de conjunto é o de um fundo de quadro cuja magnificência, tornada vulgar e grotesca pelo mercantilismo, pelo que possui de pretensioso, protesta contra o claro sol que brilha na própria rua. Yank e Long chegam, com ares importantes, pela rua lateral. Long ostenta as roupas que usa quando está em terra; traz uma gravata lavallière preta e um boné inglês. Yank veste a sua suja roupa de zuarte. Seu boné de fogueista,*

*com pala preta, está colocado de través, desafiadoramente. Tem uma barba de vários dias e seus olhos ferozes, cheios de cólera (como também os de Long, em grau menor) estão circundados de poeira de carvão, cuja nódoa adere como uma maquilagem. Hesitantes, param os dois na esquina, olhando insolentemente em torno de si com desprezo forçado e arrogância.*

LONG (*designando com gesto largo e grandiloquo o conjunto da cena:*) — Bem, cá estamos. Quinta Avenida. Como quem diz o caminho particular desses animais. (*Com amargura:*) No mínimo, estamos cometendo alguma infração, aqui. O terreno é deles. Os proletários estão proibidos de pisar na grama.

YANK (*sombrio:*) — Não vejo nenhuma grama, imbecil! (*Olhando para a calçada:*) Limpa, hem? Podia-se comer um ovo frito em cima desta calçada. Os garis devem ter muito trabalho para limpar tudo isto. (*Percorrendo a avenida com um olhar mau-humorado:*) Onde estão eles, os canalhas de colarinho duro que tu disse que vinham aqui, e os rabos-de-saia... como ela?

LONG — Estão na igreja, o diabo que os carregue! Pedindo a Jesus Cristo que lhes dê ainda mais dinheiro.

YANK — Na igreja, tu diz? Eu ia na igreja antigamente. Ia sim... quando era garoto. O meu velho e a minha velha me faziam ir. Mas eles é que nunca iam. Estavam sempre muito ressaqueados no domingo de manhã, eis a razão. (*Escarnecendo:*) Ah! eles se pegavam de verdade, aqueles dois. Quando tomavam o seu pifão na noite do sábado, se esmurravam melhor do que dois pugilistas dentro de um ring. Quando acabavam, todas as cadeiras e as mesas estavam em pandarecos. Ou então me moíam de pancada por dá-cá-aquela-palha. Foi assim que eu aprendi a receber castigo. (*Zombando com ar jatancioso:*) Tenho por quem puxar, hem?



LONG — O teu velho trabalhava no mar?

YANK — Não. Em terra. Eu dei o fora quando a minha velha esticou as canelas numa crise de delírio. Trabalhava com carrinho de mão e fazia biscates no mercado. Depois embarquei como foguista. Esse é que era o meu trabalho. O resto não existia pra mim. (*Olhando em torno de si:*) Nunca vim por aqui. Os cais de Brooklyn, foi daqueles lados que eu me criei. (*Respirando a plenos pulmões:*) Não é tão ruim assim por aqui, hem?

LONG — Tão ruim assim? Não, nós pagamos por isto com o nosso suor, se queres saber!

YANK (*com brusca repugnância mesclada de cólera:*) — Pro diabo tudo isto! Olha, não vejo ninguém aqui parecido com ela. E essas lojas tôdas me deixam enjoado. O meu mundo é outro. Me diga, não tem um boteco por perto? Nós podia jogar uma sinuca. Tudo isto é muito arrumado, muito granfo, muito solene. tu compreende? Me dá enjôo...

LONG — Espere um pouco que você verá gente...

YANK — Não espero por ninguém. Preciso andar. Pra que tu me trouxe aqui, afinal? Quis rir à minha custa, cretino, hem?

LONG — Você quer encontrar aquela tal, não é? Não pára de falar nisso desde que ela te insultou.

YANK (*com veemência:*) — Claro que sim! Eu não quis acertar minhas contas com ela em Southampton? Não me pos-tei no cais e fiquei esperando ao pé da prancha? Ia cuspir na cara dela, não ia? Sim, bem dentro do ôlho! Com isso nós ficávamos quites, hem? Mas não teve jeito. Tinha lá um batalhão inteiro de meganhas à paisana, rondando. Eles me apanharam e me puseram pra andar como um malandro. E ela, eu nem vi. Mas não perde por esperar, tu vai ver! (*Furioso:*)

Cadela sarnental! Pensa que pode desgraçar uma pessoa e cair fora? Comigo é que não! Comigo ela leva a pior! Hei de achar um meio.

LONG (*com todo o nojo que ousa exhibir:*) — Não foi por isto mesmo que eu te trouxe aqui, pra te fazer compreender? Desde o princípio, você olhou pra essa história tôda dum modo errado. Agiu e falou como se tudo fôsse um caso pessoal entre você e aquela vaca de luxo. Quero te convencer que ela só faz é representar a sua classe. Quero despertar em você uma consciência de classe. Quando esta despertar, você verá que é a classe dela que você deve combater, e não ela apenas. Há uma porção de gente como ela, o diabo todos eles!

YANK (*cuspidando nas mãos, em tom belicoso:*) — Quanto mais tiver, melhor quando eu entrar em ação. Manda todos eles pra mim.

LONG — Você os verá num instante, quando saírem da da igreja. (*Ele se volta e pela primeira vez nota as vitrinas das duas lojas:*) Papagaio! Olha só pra aquilo! (*Os dois retrocedem alguns passos e detêm-se diante da joalheria, cuja vitri-na olham demoradamente. Long é tomado de terrível cólera:*) Não, mas veja só tudo isto! Veja só! Veja que preços... mais do que ganhamos em dez viagens, suando no inferno daquelas fornalhas! E eles — usam tudo isto como enfeites, como quinquilharias! Um só destes berloques pagaria o sustento de uma família esfomeada durante um ano!

YANK — Ah, nada de choradeira! Pro diabo a tal família esfomeada! Daqui a pouco você estende a mão pedindo esmola! (*Num tom de admiração ingênua:*) Estas coisas são bonitas, hem? Dariam um bocado de dinheiro no prego. (*Voltando-se com desgosto:*) Mas pra que diabo podem servir? Ela que pague o seu preço, se quiser. As jóias não têm nada a ver conosco, o mesmo que ela. (*Com um gesto largo, como para lançar no olvido todos os joalheiros do mundo:*) Tudo isso não conta, entendes?

LONG (*que se aproximou da vitrina da peleteria, indignado:*) — É suponho que isto aqui também não conta, estas peles de pobres animais inofensivos, massacrados para ela e a sua raça não sentirem frio!

YANK (*não cessou de observar alguma coisa dentro da vitrina — num tom de estranha agitação:*) — Não, mas veja isto aqui! Dá só uma espiada! Pele de macaco: dois mil dólares. (*Pasmo:*) É mesmo verdadeira, essa pele de macaco? Mas que diabo...?

LONG (*com amargura:*) — Deve ser legítima. (*Com fe-roz humorismo:*) Eles não pagariam tanto dinheiro assim pela pele de um macaco peludo... não, nem por todo o macaco vivo, com cabeça, corpo e alma ainda por cima!

YANK (*cerrando os punhos e empalidecendo de cólera, como se a presença da peliça na vitrina fôsse para êle um insulto pessoal:*) — Eles me atiram isso em plena cara! Irra! Ela me paga!

LONG (*muito agitado:*) — Acabou a missa. Eles estão saindo, os porcos. (*Após olhar para Yank, cuja fisionomia é ameaçadora — em tom constrangido:*) Devagar, camarada. Controla teu mau humor. Lembra que a força trabalha contra ela própria. Não é de armas que precisamos. Devemos impor nossas exigências por meios pacíficos, pelo voto dos proletários, dos humildes, dos que trabalham!

YANK (*num tom de insondável desdém:*) — Pro diabo o voto! O voto é um embuste. Que dêem o voto às mulheres! Elas que votem em nosso lugar!

LONG (*cada vez mais constrangido:*) — Vamos, tenha calma. Trate-os com todo o desprezo que merecem. Olhe bem pra eles, os parasitas nojentos, mas não é preciso soltar os cachorros...

YANK (*colérico:*) — Deixe-me em paz! O que você é, é um errado. Comigo é na força! Um sôco na cara, isso sim é comigo, você bem sabe!

(*A multidão que sai da igreja chega pela direita. As pessoas que a compõem avançam despreocupadamente, com lentidão e afetação: tôdas têm a cabeça alta e imóvel, não olham nem para a direita nem para a esquerda, falam com voz amorfa e atoleimada. As mulheres estão pintadas, maquiladas, parecem feitas a pincel e o luxo de suas roupagens excede tudo o que se possa imaginar. Os homens usam sobrecasaca e chapéu alto, trazem polainas, bengalas, etc. Dir-se-iam um desfile de vistosos fantoches, com todavia algo do horror implacável dos monstros de Frankenstein em sua insulada, maquinal inconsciência.*)

VOZES NA MULTIDÃO — Esse caríssimo Vigário! É tão sincero!

Qual foi o tema do sermão? Dormi o tempo todo.

Os radicais, querida... e as falsas doutrinas hoje tão em voga.

Precisamos organizar uma venda de caridade onde só haverá americanos de pura raça.

E cada um contribuirá com um por cento do seu impôsto de renda.

Eis uma idéia original.

Podemos dedicar a receita à restauração do véu do templo.

Mas isso já foi feito tantas vêzes!

YANK (*encarando-os um após outro, com resmungos de desprezo insultante:*) — Hu! Hu!

(*Eles fazem de conta que não vêem e dão grandes voltas para evitar o ponto onde êle se encontra, no meio da calçada.*)

LONG (*amedrontado:*) — Pára com isso, Yank, estou lhe dizendo.

YANK (*maldoso:*) — Ah, é? Pois vá dizer a outro! (*Ele se afasta com ar de bravata e, deliberadamente, esbarra em cheio num cavalheiro de chapéu alto; depois, lança-lhe olhares inflamados e belicosos:*) Hei, tu aí! Não enxerga por onde anda? Pensa que é dono do mundo?

O CAVALHEIRO (*num tom frio e afetado:*) — Queira desculpar. (*Passa sem olhar para Yank, que fica perplexo.*)

LONG (*acorrendo e tomando Yank pelo braço:*) — Vem! Vamos embora! Não foi isso o que eu quis dizer. Se continuas assim, os malditos meganhas vão nos cair em cima.

YANK (*com selvageria, dando-lhe um repelão que o faz cair por terra:*) — Dá o fora!

LONG (*levantando-se, convulsivamente:*) — É o que vou fazer. Não foi nisso que eu pensei. E você não pode me censurar pelo que acontecer. (*Escapa furtivamente pela esquerda.*)

YANK — Vá pro diabo! (*Aproxima-se de uma dama com escárnio perverso, lançando-lhe piscadelas ostensivas:*) Hei, velhota! Como vai a vida? Tens alguma coisa pra fazer esta noite? Sei duma velha caldeira abandonada perto das docas onde podíamos nos meter, que tal? (*A dama passa muito digna, sem olhar para ele nem apressar o passo. Yank volta-se para outras pessoas com ar insultante:*) Chifres de Belzebu! Que tromba! Vai-te esconder, pra não assustar os cavalos! Mas olhem só o traseiro dela! Olha: a tua pôpa é maior que a duma barca. Só pintura e pó-de-arroz! E tôdas muito empertigadas. Vocês aí parecem defuntos com roupa de gala, prontos pra seguir pro cemitério! Pois o que estão esperando? Vão logo, que fazem doer minha vista! Vocês não são gente, fiquem sabendo! Olhem pra mim, por que não ousam? Eu, eu sou gente! (*Mostrando um arranha-céu em construção do outro lado da rua — em tom arrogante:*) Estão vendo aquela construção lá? Estão vendo o esqueleto de aço? Aquêlê aço sou eu! Vocês

vivem lá em cima e pensam que são alguma coisa! Mas eu estou de dentro, entendem? Sou o guindaste que faz a construção subir! A construção sou eu, estou dentro dela, estou no fundo de tudo isto, eu! Sim, eu sou aço, o vapor, a fumaça, todo o trabalho! Ela sobe a tôda velocidade, vinte e cinco andares... e eu subo com ela, desde baixo até em cima! Vocês, bando de idiotas, vocês não sobem. Vocês não passam de bonecos que eu dou corda pra fazer dançar. Vocês são o lixo, compreendem?... os detritos, as cinzas que atiramos por cima da borda! E agora, que é que vão dizer? (*Mas, como eles parecem não o ver nem ouvir, ele é tomado de terrível cólera:*) Safados! Porcos! Porcas! Prostitutas! (*Enraivecido, ele se atira aos homens, dando-lhes encontrões violentos, mas sem os perturbar absolutamente. Muito ao contrário, é antes Yank quem recua após cada colisão. Ele continua a grunhir:*) Desapareçam da terra! Vão pro diabo, salafrários! Não enxerga, estúpido? Suma da minha frente! Por que tu não reage? Vem, levanta os punhos pra mim! Não mêtá o rabo entre as pernas! Reaja, senão apanha! (*Mas, sem parecerem perceber sua presença, todos lhe respondem no mesmo tom de polidez maquinal e afetada: "Queira perdoar." Depois, ao chamado de uma das damas, aglomeram-se todos diante da vitrina da peleteria.*)

A DAMA (*em êxtase, ofegante de arrebatamento:*) — Macaco! (*Todo o grupo de homens e mulheres repete em côro, no mesmo tom de arrebatamento afetado: "Macaco!"*)

YANK (*jogando a cabeça para trás num movimento brusco, como se tivesse recebido um sôco em pleno rosto; furioso:*) — Eu estou te vendo, tôda de branco! Estou te vendo, "sua" franga depenada! Macaco peludo, hem? Eu te dou o macaco peludo! (*Ele se curva e agarra-se ao meio-fio da calçada como se o quisesse arrancar e arremessar longe. Não o conseguindo, atira-se ao poste de iluminação da esquina e tenta arrancá-lo para armar-se com uma clava. Justamente neste momento, ouve-se um ônibus que se aproxima. Um cavalheiro gordo, de cartola e polainas, vem correndo pela rua transversal. Chama*



com voz lamentosa "Ônibus, pare por favor!" e esbarra em cheio com Yank, inclinado em luta com o poste. Perdendo o equilíbrio, Yank rola a alguns passos de distância.)

YANK (*vendo que vai poder lutar, levanta-se de salto, rugindo de alegria:*) — Até que enfim! Ah! queres pegar o ônibus, hem? Eu é que vou te passar por cima como um ônibus! (*Vibra um terrível sôco na cara rubicunda do cavalheiro. Mas o cavalheiro permanece impassível, como se nada lhe tivesse acontecido.*)

O CAVALHEIRO — Queira desculpar. (*Depois, num tom enervado:*) O senhor fêz-me perder o ônibus. (*Bate palmas e põe-se a gritar:*) "Seu" guarda! "Seu" guarda!

(*Instantâneamente, inúmeros apitos de policiais trilam agudos e todo um pelotão de agentes, surgindo de todos os lados, precipita-se sobre Yank. Ele tenta resistir, mas os agentes desferem-lhe golpes de cassetete e abatem-no. O grupo de personagens que contemplam a vitrina não se mexeu, nem sequer notou o incidente. A sereia estrídula do "tintureiro" faz-se ouvir; o som aproxima-se e torna-se ensurdecador.*)

## P A N O

## QUADRO SEXTO

A noite seguinte. Uma fileira de celas na prisão da ilha de Blackwell. As celas estendem-se em diagonal da direita, à frente, para a esquerda, ao fundo. Elas não terminam, mas desaparecem ao fundo na obscuridade como se continuassem, inumeráveis, até o infinito. Um lâmpada elétrica, no teto baixo do estreito corredor, espalha sua luz através das pesadas barras de aço da cela que se situa completamente em primeiro plano, iluminando parcialmente seu interior. Percebe-se aí Yank, sentado à borda do leito na atitude do "Pensador" de Rodin. Ele tem equimose no rosto e uma bandagem manchada de sangue na cabeça.

YANK (*levantando-se bruscamente como se despertasse de um sonho, estendendo os braços e sacudindo as barras — fala consigo mesmo com ar espantado:*) — Aço. Então, estou no Jardim Zológico? (*Os ocupantes, invisíveis, das outras celas, dum extremo ao outro da galeria, fazem ouvir risos acres que soam como latidos e cessam súbitamente.*)

AS VOZES DOS DETENTOS (*num tom de galhoça:*) — O Jardim Zológico? É um nome nôvo pra êste galinheiro... um nome muito bem achado!

Aço. Você encontrou a palavra. Estamos dentro de uma jaula.

Quem é a bêsta que está falando?

É o cara possesso que trouxeram ontem. Apanhou que não foi vida!

Os meganhas fizeram um bom serviço nêle.

YANK (sombrio:) — Devo ter sonhado. Pensava que estava numa jaula no Jardim Zológico, mas os macacos não falam, não é?

AS VOZES DOS DETENTOS: — Tu está numa jaula, como não!

Num galinheiro!

Num estábulo!

Num chiqueiro!

Num canil! (Eles riem ruidosamente. Depois, uma pausa:)

Hei, cara! Tu quem é? Não, não precisa mentir. Que é que tu faz?

Sim, conta pra nós tua triste história. Qual é o teu negócio?

Por que te encanaram?

YANK (sombrio:) — Eu era foguista nos transatlânticos. (Então, tomado de súbito furor, sacode estrondosamente as barras da cela:) Sou um macaco peludo, entendem? Rebento com vocês todos, se continuarem folgando comigo!

AS VOZES DOS DETENTOS — Ah! Tu é um tipo que não tem medo de homem, não é?

Quando tu cospe, dá estouro, hem?

Deixa disso. Ele é legal. Tu não é legal?

Que é que ele disse que era... um macaco?

YANK (com ar de desafio:) — Sou sim! E não é o que todos vocês são... macacos? (Uma pausa. Depois um ruído de barras furiosamente sacudidas mais longe no corredor.)



UMA VOZ (*carregada de cólera:*) — Vou te mostrar quem é o macaco, "seu" sujo!

AS VOZES DOS DETENTOS — Psiu! Olha a bagunça!  
Olha o barulho!  
Silêncio!  
Os guardas podem vir!

YANK (*com desprezo:*) — Os guardas? Tu quer dizer os do Jardim, não é? (*De todas as celas partem exclamações coléricas.*)

UMA VOZ (*conciliatória:*) — Oh, não dêem atenção a esse infeliz. Ele ficou aloprado com a sova que lhe deram. Hei, você! Estamos esperando que nos diga porque veio parar aqui... ou não vai dizer?

YANK — Sim, vou contar. Não tem dúvida! Por que não havia de contar. Mas... ninguém vai compreender. Só eu é que me compreendo, percebem? Comecei a explicar ao juiz, mas tudo o que ele me disse foi: "Trinta dias pra refletir." Refletir! Com os diabos, há semanas que não faço outra coisa! (*Após uma pausa:*) Eu queria acertar uma conta com alguém, compreendem?... alguém que me fez uma sujeira.

VOZES (*em tom cínico:*) — Sempre a mesma história, aposto. A tua fêmea, não é? Ela te plantou, hem?  
É sempre assim com elas!  
Tu desancou o outro, ao menos?

YANK (*com asco:*) — Ah, todos vocês estão errados! Certo que há uma mulher na história, mas não como vocês pensam, não dessas que andam por aí. Uma mulher diferente das outras. Ela apareceu toda de branco junto junto das fornalhas. Pensei que era um fantasma. Sim, é verdade. (*Pausa.*)

VOZES (*cochichando:*) — Chil! ele ainda está abilolado. Deixa ele dar o serviço. É divertido ouvir.



YANK (não prestando atenção, procurando coordenar os pensamentos:) — As mãos dela eram descarnadas e brancas como se não fôsem naturais, mas pintadas em alguma coisa. Tinha um milhão de quilômetros entre ela e eu... a vinte e cinco nós por hora. Ela era como uma dessas coisas mortas que os gatos trazem às vêzes. Isso mesmo. Seu lugar era na vitrina duma loja de brinquedos, ou em cima de uma lata de lixo, compreendem? Isso! (Pondo-se em cólera:) Mas vocês acreditam? ela têve a ousadia de me fazer sujeira. Me olhou como se visse uma fera escapada de um circo. Deus, se vocês tivessem visto os olhos dela! (Agita furiosamente as barras da sua cela:) Mas ela ainda me paga, vocês fiquem sabendo! E se eu não puder pôr as mãos nela, me vingo na turma com quem ela anda. Agora sei onde eles costumam aparecer. Vou lhe mostrar quem é que está no seu lugar! Quem é que está no movimento e quem é que não está. Vocês vão ver sair fumaça!

VOZES (sérias ou brincando:) — Assim que se fala!  
Dê o castigo que ela merece!  
Quem era ela, afinal? Quem era, hem?

YANK — Não sei. Uma dos camarotes de primeira. O velho dela é milionário, ao que dizem... se chama Douglas.

VOZES — Douglas? Aposto que é o presidente do Truste do Aço.  
É isso. Vi o focinho dêle no jornal.  
Está montado no burro do dinheiro.

UMA VOZ — Hei, você! Quer um palpite? Se quer encontrar a tal, por que não se junta com os "Passeadores"? É um meio de obter satisfação.

YANK — Os "Passeadores"? Que diabo é isso?

A VOZ — Nunca ouviu falar nos T.I.M.?

YANK — Não? O que é?

A VOZ — Um grupo de homens com cabelo no peito. Li qualquer coisa sôbre eles no jornal de hoje. O guarda me emprestou o *Sunday Times*. Tem um baita troço sôbre eles. É de um discurso dum cara que se chama Senador Queen. (O homem que fala está na cela vizinha à de Yank. Ouve-se folhear um jornal:) Espere que eu vou ver se tenho luz e leio pra você... Escute. (Lendo:) "Existe hoje em nosso país um perigo que ameaça a existência da nossa bela república e a própria vida da águia americana: flagelo tão impuro como a conspiração de Catilina contra as águias da Roma antiga."

UMA VOZ (num tom de asco:) — Cai fora! Eles que ponham sal no rabo dessa águia!

A VOZ (continuando a leitura:) — "Quero falar dessa diabólica associação de malfeitores, de foragidos da justiça, de assassinos e degoladores que comprometem o bom nome dos operários intitulado-se os "Trabalhadores Industriais do Mundo". Considerando seus complôs infames, denomino-os, eu, os "Destruidores Industriais do Mundo".

YANK (num tom de satisfação vingadora:) — Destruidores! Justo o que é preciso! Muito certo! Eles estão pra mim!

A VOZ — Psiu! (Lendo) "Essa organização satânica é uma úlcera que envenena o corpo magnífico da nossa democracia..."

UMA VOZ — Pro diabo a democracia! Vaia nêle, rapazes! Hu-hu!...

(Vaia geral.)

A VOZ — Psiu! (Lendo) "Como Catão, digo ao Senado: é preciso destruir os T.I.M.! Pois sua existência é como um punhal que ameaça o coração da maior nação que o mundo

jamais conheceu, onde todos os cidadãos nascem livres e iguais, com oportunidades de sucesso iguais para todos; cujos fundadores garantiram a cada um a felicidade, e onde o culto da verdade, da honra, da liberdade, da justiça e da fraternidade humana é uma religião que absorvemos com o leite materno, que aprendemos sobre os joelhos de nossos pais e que foi solenemente consagrada pela gloriosa Constituição dos Estados Unidos da América." (*Estas palavras desencadeiam uma verdadeira tempestade de assobios, de gritos de animais, de "hu-hu" e de risos acres.*)

AS VOZES DOS DETENTOS (*com desprêzo:*) — Viva o Dia da Independência!

O dinheiro é de todos!

Liberdade!

Justiça!

Honra!

Oportunidade de sucesso!

Fraternidade humana!

TODOS (*num tom de profundo desdém:*) Pro diabo tudo isso!

UMA VOZ — Um "Viva" ao Senador Queen! Todos juntos: um... dois... três... (*Todos põem-se a latir e a uivar furiosamente.*)

UM GUARDA (*a distância:*) — Todos quietos aí, senão levam uma boa ducha! (*A calma se restabelece.*)

A VOZ — Psiu! É aqui que ele ataca os "Passeadores". (*Lendo:*) "Eles conspiram sem cessar, a tocha numa das mãos, a dinamite na outra. Para alcançarem os seus fins, não se detêm nem diante do assassinio, nem diante de violências contra mulheres sem defesa. Eles querem destruir a sociedade, substituir os poderosos pela escória do povo, subverter os planos do Senhor e transformar a nossa amena e encantadora civi-

lização num açougue, num deserto onde o homem, esta obra-prima de Deus, logo degeneraria e retornaria ao macaco."

UMA VOZ (*a Yank:*) — Hei, você aí! Vão começar de novo as histórias de macaco...

YANK (*com um grunhido de furor:*) — Ah, bem que compreendi. Então, eles mandam tudo pelos ares? Eles arrebatam com tudo, hem? Olha aqui, me empresta esse jornal, pode ser?

A VOZ — Pode. Passa pra ele. Mas lê só pra você. Já escutamos demais essas burradas.

UMA VOZ — Pega lá. Esconde debaixo do colchão.

YANK (*estendendo o braço:*) — Graças. Não sei ler bem, mas posso dar um jeito. (*Senta-se na atitude do "Pensador" de Rodin; mantém o jornal à mão, ao seu lado. Uma pausa. Ouvem-se vários detentos, que roncam. Súbito, Yank levanta-se de salto, grunhindo furiosamente como se algum pensamento terrível surgisse em sua cabeça. Num tom de perplexidade:*) É isto... o velho, presidente do truste do aço, fabrica a metade do aço do mundo... E eu pensava que o aço era o meu negócio, o aço que corre a toda velocidade, que atravessa tudo... É isso pra que ela venha ao mundo... e pra me meter nas grades, eu... pra que ela me cuspa em cima! Pro inferno! (*Sacode as barras da porta da cela com tal violência, que toda a fileira de celas é abalada. Os detentos despertados ou a ponto de adormecer protestam lançando gritos e exclamações de cólera.*) Foi ele que fez esta jaula! O aço! Então o aço não é o meu negócio! Jaulas, prisões, fechaduras, ferrolhos, grades... é isto o que quer dizer o aço. Me atiram no fundo da cadeia e ele está lá no alto! Mas eu passo através das grades! O fogo, o fogo derrete o aço! Vou ser o fogo, o fogo debaixo da cinza, o fogo que não apaga nunca, que queima como o inferno, que rompe no meio da noite... (*Pronunciando estas últimas palavras, ele sacode a porta da cela com estrondo. A palavra "rompe", ele agarra com ambas as mãos*

uma das barras e, firmando os pés contra as outras (o que o coloca numa posição paralela ao solo, como um macaco), puxa violentamente a barra para trás. Tal é sua força, que a barra verga como um bastão de alcaçuz. Justamente neste momento, o guarda chega precipitadamente, arrastando uma mangueira de incêndio.)

O GUARDA (colérico:) — Cambada de cachorros! Eu ensino vocês a me acordarem! (Percebe Yank.) Ah! você, hem? Que foi que lhe deu? O *delirium tremens*? Vou te curar, eu! Vou te livrar das alucinações! (Notando a barra envergada:) Diabo, vejam esta barra entortada! Só um maluco pode ter força pra fazer isto!

YANK (lança-lhe olhares inflamados:) — Ou um macaco peludo, meganha nojento! Toma cuidado! Vou sair daqui! (Agarra outra das barras.)

O GUARDA (apavorado e gritando para a esquerda:) — Ben, abre a torneira! Abre ela toda! E chama os outros. Diz pra trazerem uma camisa-de-fôrça!

(O pano desce. Já não se vê mais Yank, mas ouve-se o jato de água batendo ruidosamente contra o aço da sua cela.)

## QUADRO SÉTIMO

Cêrca de um mês depois. Uma secção dos "T.I.M." perto do cais: o cenário representa o interior de uma peça ao rés-do-chão e a rua em frente; esta é estreita. Luar na rua; ao fundo, edifícios formando uma massa de sombra. O interior da peça, que serve ao mesmo tempo de lugar de reunião, escritório e sala de leitura, lembra um clube de rapazes precariamente instalado. A um canto, uma escrivantina com um tamborete alto. Ao centro, uma mesa com jornais, montes de brochuras e cadeiras ao redor. O conjunto é tão vulgar, banal, comum e destituído de mistério quanto o possa ser um aposento. O secretário, encarapitado no tamborete, escreve num grande livro de registro. Uma viseira projeta sombra sobre seu rosto. Oito ou dez homens (estivadores, ferreiros, etc.) estão agrupados ao redor da mesa. Dois jogam xadrez. Um escreve uma carta. A maior parte fuma cachimbo. Sobre a parede dos fundos, um grande letreiro com estas palavras: "Trabalhadores Industriais do Mundo, 57.<sup>a</sup> secção".

Yank chega pela rua. Está vestido como no quinto quadro. Avança com precaução e com ar misterioso. Chegando frente à porta, aproxima-se dela na ponta dos pés, escuta, parece impressionar-se com o silêncio no interior, bate com cir-



*cunspecção, como se tentando adivinhar a senha de algum rito secreto. Fica à escuta. Não lhe respondem. Yank torna a bater, um pouco mais forte. Ainda não lhe dão resposta. Ele bate com impaciência, muito mais forte.*

O SECRETÁRIO (*voltando-se sobre o tamborete:*) — Que diabo, quem pode estar batendo? (*Grita:*) Entra logo duma vez!

*(Todos os homens que se encontram na peça levantam os olhos. Yank abre a porta devagar, delicadamente, como se temesse cair numa armadilha. Olha em torno, procurando descobrir se há portas secretas ou o que quer que seja de misterioso; perturbado pela banalidade da peça e das pessoas presentes, acredita ter-se enganado de local, mas logo avista o letreiro e parece tranqüilizar-se.)*

YANK (*gaguejando:*) — Alô...

OS HOMENS (*com um ar reservado:*) — Alô.

YANK (*mais à vontade:*) — Pensei que tinha me enganado de lugar.

O SECRETÁRIO (*examinando-o atentamente:*) — É bem possível? Você é sócio?

YANK — Não, ainda não. É por isso que vim, pra me inscrever.

O SECRETÁRIO — É fácil. O que faz você? É estivador?

YANK — Não. Foguista de transatlântico.

O SECRETÁRIO (*com satisfação:*) — Seja bem-vindo à nossa cidade. Ficamos satisfeitos de ver que mais um de vocês abre os olhos, enfim. Não temos muitos sócios da sua profissão.

YANK — Não. É como se todos estivessem mortos.

O SECRETÁRIO — Pois bem, você pode ajudar a despertá-los. Como é o seu nome? Vou preparar sua ficha.

YANK (*perplexo:*) — Como é o meu nome? Espere... Deixe eu pensar.

O SECRETÁRIO (*com segura:*) — Não sabe o seu nome?

YANK — Sei sim. Mas há tanto tempo que me chamam de Yank... É Bob, sim: Bob Smith.

O SECRETÁRIO (*escrevendo:*) — Robert Smith. (*Enchendo o resto da ficha:*) Pronto. Isto custa meio dólar.

YANK — É tudo? Cinquenta cents? Não é caro. (*Entrega o dinheiro ao secretário.*)

O SECRETÁRIO (*jogando o dinheiro numa gaveta:*) — Obrigado. Agora, faça como se estivesse em sua casa. Não há necessidade de apresentações. Encontrará o que ler naquela mesa. Leve alguns folhetos para distribuir a bordo. Pode ser que dêem resultado. Semeie o grão, mas tome o cuidado de fazê-lo como deve ser feito. Não deixe que o apanhem e ponham na rua. Já temos gente demais sem trabalho. Precisamos é de homens que saibam conservar seus empregos e trabalhar pra nós ao mesmo tempo.

YANK — Natural. (*Apesar de tudo, permanece imóvel, embaraçado e pouco à vontade.*)

O SECRETÁRIO (*olhando-o curiosamente:*) — Por que você bateu na porta? Pensava que tínhamos um negro de libré para abrir?

YANK — Não. Pensei que estava fechada a chave e que vocês queriam me espiar por um olho-mágico, ou uma coisa assim, pra ver se eu era legal.

O SECRETÁRIO (*suspeitoso e em guarda, mas rindo sem constrangimento:*) — Pensou que isto aqui era uma batota com jôgo de dado? Aquela porta nunca está fechada. Quem lhe meteu essa idéia na cabeça?

YANK (*com um risinho de entendedor, convencido que está de que apenas se trata da camuflagem habitual das sociedades secretas:*) — Esta zona aqui é cheia de meganha, hem?

O SECRETÁRIO (*com segura:*) — Que têm os meganhas a ver conosco? Nós não violamos a lei.

YANK (*piscando-lhe um olho:*) — Natural. Vocês nunca que fariam isso. Natural. Eu sei.

O SECRETÁRIO — Você parece saber uma porção de coisas de que nós aqui nunca ouvimos falar.

YANK (*dando-lhe outra piscadela:*) — Ah, está muito bem! (*Ligeiramente vexado com os olhares suspeitosos que todos lhe lançam.*) Podemos ficar por aqui. Não é preciso me fazer um exame em regra. Não estão vendo logo que sou um de vocês? E dos bons. Serei fiel a vocês, compreendem? Quero dinamitar as fábricas pra vocês. Pra isso é que eu vim aqui.

O SECRETÁRIO (*alegre, querendo sondá-lo a fundo:*) — Ora muito bem! Mas tem certeza de que compreende a sociedade em que entrou? Tudo é muito claro entre nós, o nosso jôgo é franco; apesar disto, há muita gente que nos compreende errado. (*Com segura:*) Que idéia faz você do fim da nossa associação?

YANK — Ah! Eu sei de tudo a respeito.

O SECRETÁRIO (*sarcástico:*) — Pois bem, diga-nos alguma coisa do que sabe.

YANK (*com um ar solerte:*) — Sei o bastante para não falar quando não é a minha vez. (*Novamente ressentido:*) Mas, e daí? Sou um dos bons. Sei tôdas as histórias de vocês. Sei que são obrigados a tomar cuidado com os estranhos. Eu bem que podia ser um tira disfarçado, ou alguma coisa assim, é o que você está pensando, hem? Ah, desista dessa idéia! Sou dos bons, repito! Se não me acreditam, perguntem a qualquer um na zona portuária.

O SECRETÁRIO — Quem está dizendo o contrário?

YANK — Quando eu fôr iniciado, provarei a vocês.

O SECRETÁRIO (*perplexo:*) — Iniciado? Não há nenhuma iniciação.

YANK (*decepcionado:*) — Não tem uma senha, um apêrto de mão secreto, nada disso?

O SECRETÁRIO — Onde você pensa que está? Nos "Elks"...? na "Mão Negra"?

YANK — Pro diabo os "Elks"! A "Mão Negra" é um bando de covardes italianos que apunham gente pelas costas. Não. Aqui é uma sociedade de homens, não é?

O SECRETÁRIO — Sim, é bem isto. E é por isto que nos mostramos em pleno dia. Nós não temos segredos.

YANK (*ao mesmo tempo surpreso e admirativo:*) — Quer dizer que vocês operam sempre às claras... assim?

O SECRETÁRIO — Certamente.

<sup>1</sup> Elks: "Alces", sociedade secreta americana.

YANK — Então vocês têm mesmo tutano!

O SECRETÁRIO — Mas o que fez você querer juntar-se a nós? Responda francamente.

YANK — Ainda me pergunta? Pois bem, eu também tenho tutano! Aqui está minha mão. Vocês querem mandar pelos ares uma porção de coisas, hem? Pois eu estou equi! Sou um de vocês!

O SECRETÁRIO (*com um ar de negligência afetada:*) — Você quer modificar a desigualdade das condições sociais pela ação direta legítima, ou pela dinamite?

YANK — Pela dinamite! Varrer tudo: o aço, tôdas as jaulas, tôdas as usinas, todos os navios, tôdas as grades, tôdas as prisões, o truste do aço e tudo que está por trás dêle.

O SECRETÁRIO — Ah! essa é a sua idéia, hem? E você tem alguma coisa especial a nos oferecer nessa ordem de idéias? (*Ele faz um sinal aos homens, que se erguem discretamente um após outro e amontoam-se atrás de Yank.*)

YANK (*audaz:*) — Se tenho! E conto tudo pra vocês. Vou mostrar que mereço confiança. Há o Douglas, êsse milionário...

O SECRETÁRIO — O presidente do Truste do Aço? Você quer assassiná-lo?

YANK — Não, isso não resolvia nada. O que eu quero fazer é explodir a fábrica, as usinas onde êle fabrica o aço. Ê êste o meu fim: destruir o aço, mandar pelos ares todo o aço do mundo. Isso sim, é que resolve! (*Com calor e num tom fanfarronesco:*) Faço isso eu sôzinho, vocês vão ver! Me digam onde estão as usinas dêle, como é que se vai lá, todos os macêtes. E me dêem a dinamite, que me encarrego do resto. Verão como vai sair fumaça e como a coisa vai esquentar! Se depois

me apanharem, não me importo, contanto que eu faça isto! Cumpro trabalhos forçados pelo resto da vida de cara alegre! (*Falando um pouco consigo mesmo:*) E escrevo uma carta pra ela dizendo que foi o macaco peludo quem fez. Isto acertará as nossas contas.

O SECRETÁRIO (*afastando-se de Yank:*) — Muito interessante.

*A um sinal dêle, os homens, todos troncados, atiram-se sobre Yank e, antes que êle tenha tempo de compreender, imobilizam-lhe braços e pernas. De qualquer modo, êle está demasiado surpreso para resistir. Êles o apalpam para ver se porta armas.*

UM HOMEM — Nem revólver, nem faca. Vamos dar-lhe o que merece e atirá-lo fora com um pontapé nos fundilhos?

O SECRETÁRIO — Não. Êle não vale os aborrecimentos que isso nos daria. Ê estúpido demais. (*Aproxima-se de Yank e ri zombeteiramente em sua cara:*) Ah-ah! Por Deus, é a maior blague que êles nos fizeram até hoje. Hei, farsante! Qual o detetive que o mandou? Burns ou Pinkerton? Não, por Deus, você tem a cabeça tão dura que deve pertencer à policia secreta! Pois bem, espião sujo, asqueroso agente provocador, pode voltar para o fedorento que o paga para trair seus irmãos e fazê-los condenar à morte, que êle está gastando dinheiro à toa. Você não é capaz de apanhar nem um resfriado! E diga a êle que tudo quanto vier a saber de nós, ou tudo quanto já sabe, só existe nos enredos astuciosos que êle mesmo inventa pra nos meter na cadeia. Somos o que diz nosso manifesto, nem mais nem menos, e lhe daremos de presente um exemplar quando vier fazer-nos uma visita. Quanto a você... (*Fixa com desprezo Yank, que, tomado de estupor, parece de nada ter consciência.*) Mas pra que eu vou gastar palavras? Você não passa de um pobre macaco.



YANK (*tornado furioso à palavra "macaco" e tentando, mas em vão, desvencilhar-se:*) — Que que tu disse, judeu sujo?

O SECRETÁRIO — Fora com êle, rapazes.

(*Apesar da resistência de Yank, os homens lançam-no porta fora com ímpeto e violência. À guisa de adeus, administram-lhe um certo número de pontapés que o fazem cair a fio comprido bem no meio da estreita rua. Emitindo um grunhido, êle intenta levantar-se e atirar-se contra a porta fechada, mas detém-se, impedido pelo desarranjo de suas idéias; sua impotência faz pena. Permanece sentado, cismarento, numa atitude tão vizinha à do "Pensador" de Rodin quanto lhe permite a posição em que se encontra.*)

YANK (*com amargor:*) — Assim, êsses pássaros também não acreditam que eu sou um dêles... Ah, que vão pro diabo! Êles perderam o rumo, contam as mesmas velhas baboseiras dos tipos que trepam num caixote, ou êsses do Exército de Salvação. Êles não têm tutano! Dizem assim: me dêem menos uma hora de trabalho por dia pra eu ser feliz! Mais um dólar por dia pra eu ser feliz! Três refeições completas por dia. Uma pequena horta com repolhos, os mesmos direitos que vocês, uma mulher e um par de filhos, o direito de voto... e eu vou direto pro paraíso, não é? Pro diabo tudo isso! Que que isso adianta? O que é preciso é ter alguma coisa aqui, não na barriga. Por mais que se tome café com bolinhos, isso não é nada. É bem no fundo de você mesmo, bem no fundo. É uma coisa que não se pode pegar, que não se pode prender. Quando ela mexe, tudo mexe. Quando ela pára, o mundo todo pára. É assim comigo, agora; não tenho mais movimento, sou um relógio ordinário que está quebrado. É isto. Quando eu era de aço, eu era dono do mundo. Agora, não sou mais de aço e o mundo é que é meu dono. Pro diabo tudo isto! Já não vejo claro, tu compreende? tudo está virado. (*Êle ergue a cabeça; sua fisionomia adquire a expressão amarga e escarninha de um macaco que balbucia qualquer coisa à lua:*) Hei, lua, tu que pare-

ce tão sabida, me dá a resposta certa, hem? Quero a informação exata, no momento justo... aonde é que eu devo ir, hem?

UM POLICIAL (*que chegou pela rua justamente a tempo de ouvir o final da fala de Yank — num tom de humorismo cruel:*) — É pro distrito que você vai, imbecil, se não levantar já daí! Vamos... andando!

YANK (*erguendo os olhos para êle, com um riso acre e amargo:*) — Ah, eu sei! Quer me prender! Me meter na jaula! Vocês só sabem responder isso. Está bem, me level!

O POLICIAL — Que foi que você fêz?

YANK — Fiz o bastante pra ser condenado à morte! Eu nasci, compreende? Sim, é disto que devem me acusar. Escreva aí no seu caderninho! Eu nasci, está compreendendo?

O POLICIAL (*chistoso:*) — Deus tenha pena da tua velha! (*Retornando à seriedade:*) Mas eu não tenho tempo pra brincadeiras. Você está bêbado. Eu podia prender você, mas tínhamos que andar até o distrito: é muito longe. Vamos, levante, senão lhe arranco uma orelha com êsse cassetete. Desentupa o beco! (*Ajuda Yank a levantar-se.*)

YANK (*num tom vago e escarninho:*) — Me diga, pra onde eu posso ir?

O POLICIAL (*dando-lhe um safanão e rindo com ar indiferente:*) — Pro diabo que o carregue!

PANO

## QUADRO OITAVO

*Ao crepúsculo do dia seguinte. A secção dos macacos no Jardim Zoológico. Um feixe de luz acinzentada ilumina a frente de uma das jaulas e permite distinguir-lhe o interior. As outras jaulas aparecem indistintamente, envoltas em sombra; ouve-se aí a vozeria dos macacos (num tom de conversação). A jaula bem iluminada ostenta um letreiro sôbre o qual destaca-se a palavra "gorila". Percebe-se o gigantesco animal de cócoras sôbre um banco, numa atitude que se assemelha bastante à do "Pensador" de Rodin. Yank entra pela esquerda. Imediatamente os macacos põem-se a tagarelar e a guinchar furiosos, em câo. O gorila volta os olhos para Yank, mas sem fazer nenhum ruído, nem movimento algum.*

YANK (com um riso acre e amargo:) — Eu sou bem-vindo entre vocês, não? Salve, salve, estão todos aí, os amigos! (Ao som da sua voz, o tagarelar dos macacos cessa pouco a pouco para dar lugar a um silêncio atento. Yank aproxima-se da jaula do gorila e, inclinando-se sôbre o parapeito, contempla o animal, que, silencioso e imóvel, por sua vez o contempla. Durante um momento, a calma é absoluta. Depois Yank põe-se a falar com voz amistosa, num tom de confiança misturada de ironia,



*mas com um acento de simpatia profunda:)* Ah! você tem o ar dum camarada rude! Já vi muita gente ser xingada com o nome de "gorila", mas você é o primeiro gorila verdadeiro que eu vejo na vida. Você tem um peito, uns ombros, uns braços, umas munhecas. . . que lhe digo! Um sôco de você deve esmagar a cabeça dum pecador! *(Pronuncia estas palavras num tom de admiração sincera. Como se compreendesse, o gorila se levanta arqueando o peito, sôbre o qual vibra grandes golpes de punho. Yank ri com simpatia:)* Sim, sim, compreendo: você desafia o mundo inteiro, hem? E você compreendeu o que eu falei, mesmo sem saber as palavras. *(Sua voz adquire pouco a pouco um tom de amargor.)* E por que você não havia de compreender? Não somos sócios do mesmo clube, o Clube dos Macacos Peludos? *(Êles se encaram um ao outro. Uma pausa. Depois Yank prossegue, lenta e amargamente:)* Então foi você o que ela viu em mim quando me olhou, a lambisgóia sem pinga de sangue na cara! Pra ela, eu era como você é, entende? Só que não numa jaula: sôlto, capaz de pular em cima dela, percebe? Sim! É o que ela pensava. Não via que eu também estava numa jaula, uma jaula pior que essa de você — sim, um bocado pior — porque você ainda tem vez de se escapar, enquanto que eu. . . *(Suas idéias se embaralham.)* Pro diabol! Tudo isso não é como não devia ser, hem? *(Uma pausa.)* Acho que você gostaria de saber o que estou fazendo aqui, não é? Desde a noite passada aqueci um banco, para os lados de Battery. Vi o sol se levantar. Estava bonito, sim, tudo vermelho, côm-de-rosa e verde. Olhei os arranha-céus, todos de aço, e os navios que entravam no pôrto ou que partiam para os quatro cantos do mundo; êles também são de aço. O sol estava quente, não tinha nenhuma nuvem e uma brisa soprava. Estava bonito. Bem compreendi quando o Paddy dizia que só isso é que é verdadeiro na vida; só que, apesar de tudo, não pude fazer assim, entende? Não pude encontrar o meu lugar em tudo isso. Estava acima de mim. Me pus a pensar, depois caminhei até aqui pra ver como que vocês eram, vocês os macacos. E depois esperei os outros irem embora pra ver você sôzinho. Me diga, o que você acha de ficar aí sentado o tempo todo e de bancar o bonzinho quando a gente vem olhar, as frangotas pálidas e descarnadas



e os cretinos que se casam com elas... quando vêm zombar de você, rir na sua cara, se assustar com você... que o diabo os carregue! (*Ele dá grandes punhadas sobre o parapeito. O gorila sacode as barras da jaula e grunhe. Os outros macacos põem-se a guinchar furiosamente na escuridão. Yank prossegue, muito agitado:*) Sim, eu sinto a mesma coisa que você. Só que você tem sorte, sabe por quê? Você não tem que viver com eles, e sabe disto. Mas eu, eu tenho que viver com eles, e na verdade eu não vivo com eles, compreende? São eles que não vivem comigo, aí que está. Você entende o que eu quero dizer? É difícil de explicar... (*Ele passa a mão sobre a testa com um gesto penoso. O gorila grunhe impaciente. Yank prossegue laboriosamente:*) É isto mais ou menos aonde eu quero chegar. Você pode ficar sentado aí e sonhar com o passado, as florestas verdes e a selva e tudo mais. Então, você está na sua casa, e eles não. Então, você pode rir deles, não é? Você é o campeão do mundo. Mas eu não tenho passado para pensar nêle, e não tenho futuro, só o presente, e neste eu não tenho nada que fazer. Sem dúvida que você é quem está melhor de nós dois! Você não pode pensar, não é? Você não pode falar também. Mas eu posso enganar que penso e que falo, e quase que consigo mesmo... quase!... e aí é que a coisa fica engraçada. (*Ele ri.*) Não estou na terra e não estou no céu, entende? Estou no meio: entre um e o outro. Quem sabe é isto que eles chamam de inferno, hem? Enquanto que você, você está lá embaixo. Você está no seu lugar! É! Você é o único no mundo que está no seu lugar, "seu" felizardo! (*O macaco grunhe com orgulho.*) E foi por isso que eles meteram você numa jaula, percebe? (*O gorila ronca furiosamente.*) Sim! Você me compreende. Isto escapa quando a gente quer pensar ou dizer, está bem no fundo de nós, bem longe, bem escondido... mas você e eu podemos sentir. Certo! Nós dois somos do mesmo clube. (*Ele ri, depois fala numa voz selvagem:*) Que diabo estou dizendo? Pro inferno tudo isto! Um pouco de ação, é o que precisamos! Este é o nosso negócio! Bater de rijo e continuar batendo até que eles nos derrubem com uma barra de aço! Sim! Você topa? Eles vieram olhar, não é, quando você estava enjaulado? Você quer acertar as contas com eles? Você quer aca-

bar como um campeão, em vez de ir definhando aí dentro? (*O gorila responde com um rugido veementemente afirmativo. Yank prossegue numa espécie de exaltação furiosa.*) Sim! Você é cem-por-cento! Você vai lutar até o fim! Eu e você, hem?... somos sócios do mesmo clube! Vamos acabar tudo com uma luta de boxe que lançará eles todos de fuças no chão! Depois, terão que fabricar jaulas mais fortes pra nós! (*O gorila sacode as barras, grunhindo e saltando de um pé para outro. Yank saca um pé-de-cabra de sob a roupa e força a fechadura da porta da jaula. Abre-a completamente.*) O governador perdoa você. Venha apertar estes ossos. Depois damos um passeio pela Quinta Avenida. Varremos essa gente da face da terra e morremos com banda de música. Venha, meu irmão. (*O gorila sai cautelosamente da jaula. Avança em direção a Yank e detém-se a contemplá-lo. Yank continua, em seu tom zombeteiro, estendendo-lhe a mão:*) Aperta aqui... o apêto de mão secreto da nossa confraria. (*Súbito, talvez o tom de zombaria, qualquer coisa lança o animal em furor. De um salto, êle envolve Yank em seus braços enormes, num amplexo homicida. Ouve-se um ruído sêco de costelas que se partem e um grito convulsivo, ainda zombeteiro, de Yank:*) Ôpa! Não disse pra você me beijar! (*O gorila deixa escorregar para o chão o corpo esmagado de Yank; inclina-se sobre êle com um ar hesitante, parecendo refletir; depois apanha-o, atira-o dentro da jaula, fecha a porta e, ameaçador, desaparece na escuridão à esquerda. Das outras jaulas ergue-se um grande alarido: os macacos, amedrontados, guincham e choramingam. Neste instante, Yank faz um movimento: geme, abre os olhos, depois há um silêncio. Êle murmura penosamente:*) Heil! Deviam fazer uma luta dêle com o Dempsey. Êle me rebentou, sim. Estou liquidado. Nem mesmo êle acreditou que eu era um dos seus. (*Num acento de desespero súbito e veemente:*) Senhor, aonde é que eu posso ir? Onde é o meu lugar? (*Detendo-se com a mesma subitaneidade:*) Oh, que diabo! Não se queixar, hem? Não abandonar a partida! O que é preciso é morrer de pé! (*Agarra-se fortemente às barras da jaula e àrduamente põe-se de pé, depois olha ao redor com perplexidade e força um riso zombeteiro:*) Ah! estou na jaula, agora? (*Com a voz estriden-*

*te de um anunciador de circo:)* Venham, minhas senhoras e meus senhores, venham ver o legítimo... (*Sua voz enfraquece:*) o verdadeiro e único Macaco Peludo das florestas...

*Tomba redondamente no chão e morre. Os macacos põem-se a guinchar e choramingar. E, talvez, o "Macaco Peludo" tenha encontrado afinal o seu lugar.*

PANO

BIBLIOGRAFIA